



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

AMANDA OLIVEIRA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA E COLETIVA DE GOIÂNIA  
ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

GOIÂNIA  
2017

AMANDA OLIVEIRA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA E COLETIVA DE GOIÂNIA  
ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Elisângela Gomes

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra Maria de Fátima Garbelini

GOIÂNIA

2017

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Amanda Oliveira dos.

A construção da memória histórica e coletiva de Goiânia através da fotografia [manuscrito] / Amanda Oliveira dos Santos. – Goiânia : Universidade Federal de Goiás, 2017.

62 f. : il. , enc.

Orientadora: Elisângela Gomes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de graduação em Biblioteconomia, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2017.

1. 1. Memória. 2. Fotografia. 3. Goiânia. I. Gomes, Elisângela. II. Título.

A todos os amigos e familiares que estiveram  
ao meu lado durante esse percurso.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao João, meu esposo, que durante todo o tempo esteve ao meu lado, me ouvindo e me motivando, agradeço a sua paciência e cada palavra de carinho.

A minha mãe, Sueli, que esteve ao meu lado.

A minha amiga, Larissa Vallim, companheira nessa jornada, que sempre esteve disposta a me ajudar e a me ouvir nos momentos difíceis.

A professora Dra. Maria de Fátima Garbelini, que desde o início acreditou e se prontificou a me ajudar na realização dessa pesquisa.

Ao professor Dr. Jean Tiago Baptista, que foi solícito em colaborar e estar presente na minha banca.

A minha orientadora, professora Elisângela Gomes que me acompanhou e me auxiliou durante todo esse processo.

“Cidade – ideia que se fez certeza –  
No teu porte soberbo de princesa  
Cujos encantos teu perfil revela,  
E que a vaidade feminil aprova  
Se és do Brasil de todas a mais nova,  
És de Goiás, de todas a mais bela! ”

**José Lopes Rodrigues**

## RESUMO

Este trabalho trata sobre a construção da memória da cidade de Goiânia evocada através da fotografia, retratando os registros dos primeiros anos do período da construção da Capital (1930 - 1950). A pesquisa é orientada a partir das análises das fotografias do acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS/GO), permeando contextos históricos, políticos, culturais, urbanísticos e religiosos. Este estudo fez-se necessário para o entendimento da importância da salvaguarda dos registros fotográficos para a preservação da memória de uma comunidade, ressaltando também o grande aporte informacional transmitido através da imagem fotográfica. Objetiva-se por meio desse trabalho identificar qual história de Goiânia está sendo descrita através da fotografia, ressaltando a importância da imagem fotográfica no processo de contextualização dos acontecimentos e como forma de rememorar a história pregressa. Apresenta os conceitos de memória, informação, museu e fotografia. Para fins de conclusão identificamos que as fotografias selecionadas para análise, não contemplam de modo geral a memória coletiva e histórica do cidadão goiano, a construção se baseia em uma memória oficial que não corresponde a memória de todos.

**Palavras-chave:** Memória. Fotografia. Construção de Goiânia. MIS-GO.

## ABSTRACT

This thesis is about recalling and reviving facts of the city of Goiânia through photography, Portraying the first years of the period of construction of the Capital (1930 - 1950). The research is guided by the analysis of the photographs of the collection of the Museum of Image and Sound (MIS / GO), permeating by historical context, political, cultural, urban and religious. This study was necessary to understand the importance of safeguarding the photographic records for the preservation of the memory of a community, also highlighting the great informational contribution transmitted through the photographic image. The objective of this work is to identify which history of Goiânia is being described through photography, emphasizing the importance of the photographic image in the process of contextualization of events and as a way of recalling the previous history. It presents the concepts of memory, information, museum and photography. For the purpose of conclusion, we have identified that the photographs selected for analysis do not contemplate in general the collective and historical memory of the Goiano citizenship, the construction is based on an official memory that does not correspond to the memory of all.

**Keywords:** Memory. Photography. Construction of Goiânia. MIS-GO.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Carros de boi na Praça Cívica.....	38
<b>Figura 2</b> – Recepção em Frente ao Palácio das Esmeraldas.....	42
<b>Figura 3</b> – Comemoração do Batismo Cultural de Goiânia.....	46
<b>Figura 4</b> – Vista aérea Praça Cívica.....	50

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 JUSTIFICATIVA.....	13
<b>1.1.1 Objetivo geral.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>14</b>
<b>2 MUSEU COMO UM LOCAL DE PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
2.1 MUSEU DA IMAGEM E DO SOM.....	18
<b>3 MEMÓRIA.....</b>	<b>20</b>
3.1 FOTOGRAFIA.....	24
<b>3.1.1 Fotografia em Goiânia.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1.2 A preservação da memória fotográfica.....</b>	<b>30</b>
<b>4 GOIÂNIA DE 1930 A 1950.....</b>	<b>33</b>
<b>5 MEMÓRIA GOIANA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA.....</b>	<b>38</b>
5.1 A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL.....	38
5.2 GOIÂNIA E A MARCHA PARA OESTE.....	43
5.3 BATISMO CULTURAL EM GOIÂNIA.....	48
5.2 GOIÂNIA: A CAPITAL DO SERTÃO.....	52
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A civilização, desde o seu nascedouro, é movida a construção de um conhecimento evolutivo para a população, para que as descobertas e o conhecimento fossem propagados, fez-se necessário a utilização de registros e o desenvolvimento da memória. Desta forma, compreende-se por memória um amontoado de acontecimentos, que são registrados e transmitidos através do patrimônio cultural material como esculturas, fotografias, registros documentais, arquitetura, grafite e patrimônio cultural imaterial, tais como: música, eventos culturais, populares e religiosos.

A memória assume um papel importante na sociedade, pois tem a função de garantir a sobrevivência da história da população, mantendo acontecimentos e conhecimentos, individuais, coletivos e históricos preservados. A memória de um povo faz parte de seu patrimônio e do seu legado, portanto sua preservação para gerações futuras é primordial. Por ter tanta importância para as civilizações, observa-se que em guerras e conflitos sempre há tentativa de apagamento da memória de um povo, um exemplo bastante significativo foi à destruição da biblioteca de Alexandria, no Egito, que resultou não apenas no apagamento da memória documental escrita, mas também impactou na construção da identidade e autonomia da civilização egípcia pela extinção dos seus recursos culturais.

Os conceitos de memória e história são constantemente confundidos entre si ou unificados, porém, a memória age como uma reconstrução do passado a partir do contexto atual, muitas vezes partindo de uma memória individual e afetiva do ocorrido. A memória não necessariamente precisa de respaldo de pesquisa histórica para permanecer, desta forma, a memória compreende-se como o modo que as sociedades utilizam para rememorar fatos do passado dando sentido de modo individual ou coletivo de ocorridos. A história faz uso da memória como fonte, porém, requer rigor teórico e metodológico em suas pesquisas, de modo geral, não sofre influências de concepções do presente. Desta forma, a preservação da memória e da história registrada pelas sociedades através de documentos bibliográficos, fotografias e materiais artísticos e culturais, se dá por meio da criação e manutenção de instituições como arquivos, museus, institutos e bibliotecas, centros históricos, que vão

armazenar registros e materiais nos mais variados suportes visando contar a história de algo ou de alguém.

Nesse sentido, este trabalho tem o intuito de analisar e descrever a importância histórica e social da preservação da memória coletiva e histórica a partir do acervo fotográfico de Goiânia em suas primeiras décadas. O estudo se orienta com a seguinte inquietação: De que forma é instituída a memória histórica e coletiva de Goiânia a partir das fotografias?

A metodologia utilizada para a realização desse trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica, usufruindo também do método da pesquisa documental, que segundo Prodanov e Freitas (2013) baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Já a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de vários autores sobre determinado assunto. Desta forma, o estudo se desenvolverá a partir de análises fotográficas, onde será elucidado a historiografia de Goiânia, englobando nas análises aspectos políticos, urbanísticos, religiosos e históricos ocorridos durante as primeiras décadas da construção da capital goiana.

O estudo terá como base um caráter exploratório e descritivo, que segundo Gil (2002) o objetivo da pesquisa exploratória é possibilitar a maior flexibilidade na pesquisa e proporcionar maior familiaridade com o problema.

A pesquisa é de natureza básica e abordagem qualitativa, pois tem o intuito de descrever o processo de construção da memória e da história retratada por meio dos dados documentais coletados neste estudo. A pesquisa utiliza-se de análise documental das fotografias do acervo goiano de 1930 a 1950, nesse sentido, este trabalho tem a intenção de investigar o acervo fotográfico da coleção de fotografias que retratam de forma histórica a capital do estado, com base na historiografia de Goiânia em seus primórdios permeando o contexto social, cultural e histórico, a fim de alcançar os objetivos da pesquisa.

As análises da pesquisa serão realizadas a partir de uma seleção de imagens, que servirão como representações dos principais acontecimentos da cidade, as fotografias serão analisadas permeando distintos aspectos, visto que assim possibilitarão a compreensão de qual a memória é evocada a partir desses diversos contextos.

As imagens integram o acervo no Museu da Imagem e do Som de Goiás. Para a seleção das fotografias nos nortearmos nos registros feitos nas primeiras décadas na construção da capital, recorrendo às fotografias dos principais fatos ocorridos. Iremos trabalhar com a análise de quatro imagens, selecionando-as com a intenção de abranger as 3 primeiras décadas, ou seja, década de 30, 40 e 50, sendo selecionado duas imagens para a década de 40.

Na primeira imagem contará com uma contextualização histórica e urbanística da memória evocada do início da construção da capital, nos anos 30. A segunda e a terceira imagem são datadas da década de 40, onde permearemos os aspectos políticos, religiosos e culturais. A análise da segunda imagem engloba a visita de Getúlio Vargas na cidade, identificando os relatos envoltos a trama política da capital. A terceira refere-se ao Batismo Cultura de Goiânia no ano de 1942. Já na última fotografia será englobado e integrado todos os contextos expostos. Assim, pretendemos analisar de que forma a história dos primeiros anos de Goiânia é lembrada em seus múltiplos aspectos.

A investigação expõe assim a importância da preservação da fotografia para manter a memória histórica e cultural do Estado e identificar seu papel social para a população goiana, como também a preocupação da salvaguarda de sua cultura e história a longo prazo, partindo-se do pressuposto da ausência de grandes esforços, reconhecimento e valorização dos nossos museus, bibliotecas, institutos e casas culturais. Como decorrência, convivemos também com a carência de representatividade e reconhecimento da história e cultura local pela população goiana.

A pesquisa também aborda a importância da fotografia como artifício de guarda e recuperação da memória histórica e cultural de Goiânia. Busca enaltecer o valor histórico e documental do registro fotográfico e a sua importância como memória da população goianiense. Destaca-se também, a função da fotografia como conteúdo documental e a utilização como ferramenta de pesquisa, já que a mesma retrata aspectos de acontecimentos passados de uma determinada região.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A memória histórica pode ser compreendida como o ato de preservar acontecimentos e conhecimentos importantes para uma coletividade, enaltecendo atos de gerações passadas que fortalecem a identidade de um povo. A memória imagética como a fotografia e assim como todas as formas de disseminação e preservação da memória, sofrem com o risco de degradação ocasionada por fatores intrínsecos da própria química do material, como também por fatores humanos, como o manuseio inadequado, questões climáticas e de armazenamento, como também pela temporalidade. É de extrema importância estudar como se dá a construção da memória de uma região a partir da imagem fotográfica, assim como, a relevância de se preservar o registro fotográfico e o papel social como mantenedora da memória como patrimônio de um povo, portanto, deve-se verificar o impacto da representação de Goiânia e o material fotográfico que resgata a memória histórica da sociedade.

A fotografia, em suma, é um instrumento de grande relevância e utilização para compreender o passado e como instrumento para a guarda da memória. Desta forma, é possível o registro estático de momentos únicos, sendo possível a realização dessa captura e muitas vezes a compressão sem a utilização de códigos, como a escrita. O documento fotográfico resguarda para a população o registro de fatos que é capaz de nos trazer recordações, ensinamentos, artifícios para o estudo histórico, memórias e resgatar traços culturais e sociais, que nos possibilitam compreender fatos antes mesmo da nossa concepção.

A grande motivação pessoal para se trabalhar com a fotografia foi despertada logo no início da graduação, e esse fascínio por todo o processo fotográfico me acompanha por todos esses anos. Goiânia, onde tenho minhas raízes, é uma jovem cidade que consta em sua criação, turbulentos acontecimentos e importantes registros fotográficos do processo. A intenção é verificar qual história de Goiânia está sendo contada através das fotografias, ressaltando seu valor histórico, cultural e social para a população e sua memória resguardada pelos acervos fotográficos.

A pesquisa abrange o reconhecimento dos impactos sociais que a salvaguarda da memória propõe à população, desta forma, destacando o

importante papel da fotografia para o processo de resguarda da memória de um povo.

### **1.1.1 Objetivo geral**

Identificar qual história de Goiânia está sendo contada através da fotografia do Museu da Imagem e do Som.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- a) Analisar o acervo fotográfico goiano de 1930 a 1950;
- b) Apresentar o papel dos museus no resguardo da memória;
- c) Selecionar quatro fotografias, englobando as décadas de 30, 40 e 50, de acordo com a relevância histórica;
- d) Identificar os aspectos sociais, culturais, políticos, religiosos e históricos presentes nas fotografias;
- e) Identificar a importância de preservar o material fotográfico para resguardar a memória histórica e coletiva.
- f) Verificar a memória que está sendo evocada no acervo selecionado.

## 2 MUSEU COMO LOCAL DE PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Informação é uma seleção de dados que transmite uma mensagem sobre determinado assunto, dando assim significado e sentido às coisas, sendo a informação a base para o conhecimento. Segundo Capurro e Hjørland (2007) a informação é citada como um conhecimento comunicado, ou seja, é a contextualização de fatos que permite o conhecimento ser transmitido de forma comunicacional, havendo um intermédio entre o documento e o receptor.

Portanto, acessar informação impacta no desenvolvimento humano. “Os seres humanos sempre sentiram a necessidade de gerar, de compartilhar e de adquirir informação por meio dos mais variados tipos de assuntos e de formas de expressão” (SANTOS e LIMA, 2014, p.57). A humanidade compartilha e registra as informações com o intuito de disseminar novas descobertas, avanços, fatos e conhecimentos, e encontram nessa partilha meios de melhorar a vivência em sociedade e proporcionar uma certa linearidade na população.

A informação após contextualizada possibilita a sua conversão em conhecimento, e terá sua aplicação na construção e na permanência da civilização e em suas inovações. Torna-se de extrema importância então, o armazenamento e a preservação dos meios de informação, ou seja, de seus suportes, como o registro arquitetônico, escrito, iconográfico e sonoro.

A preservação e disseminação dos registros documentais é um fator fundamental e de grande necessidade para a perpetuação destes documentos, para assim garantir a possibilidade de acesso futuro à informação.

Conforme Torezan (2007) a fotografia, como suporte que materializa a imagem, é meio de comunicação e informação, desta forma, é possível destinar valor documental a este material iconográfico. O documento consiste basicamente em uma forma de registro, é a prova da existência real de um fato; assim como a informação “[...] é uma unidade basilar do fenômeno da comunicação e o documento é a sua representação concreta” (MIRANDA e SIMEÃO, 2005, p. 183 apud TOREZAN 2007, p.37)

A fotografia como documento “[...] é aquela que tem ‘valor’ atribuído, tem caráter histórico e apresenta de certa forma, uma quase certeza de imagem do ‘real’, sendo assim, é a fotografia não manipulada” (TOREZAN, 2007, p. 37). Acredita-se então, que a fotografia como documento, não representa uma



certeza, mas sim, uma quase certeza. A autora acima citada, utiliza-se das aspas para afirmar a fuga do significado do real e de seu valor, já que a fotografia é a representação de um momento, um recorte da realidade registrada por um fotógrafo, este que continha um objetivo de registro; desta forma, esse registro é feito apresentando um retalho da sociedade. Na visão de Oliveira (2008, p. 33)

as fotografias possuem elementos que questionam sua expressão máxima da realidade. Em primeiro lugar, por se tratar de um recorte da realidade, sua dimensão visual reduz a escala de observação. Não vemos todos o cenário no qual a fotografia foi tirada. No momento do clique, existe uma escolha, a eleição de um elemento (o foco), desprezando-se todos os outros elementos. Em segundo lugar, existe a visão do fotógrafo, que é aquele que escolhe determinado objeto em detrimento de outros. O que leva a privilegiar um objeto e não outro faz parte de uma bagagem: sua cultura, sua formação, seus gostos, o trabalho sob encomenda, a sociedade em que vive.

A fotografia desde os seus primórdios tem a capacidade de gerar registro de fatos ocorridos de um tempo atual ou que não é pertencente a nós, “a partir do momento em que a fotografia é produzida ela já se torna um referencial para o passado (história), para um momento congelado no tempo” (TOREZAN, 2007, p. 48). Torna-se então, um documento que assume um papel informacional. A importância para a preservação da fotografia como documento, se dá pela relevância social e histórica da informação transmitida e preservada para a população.

O museu denomina-se como um dos locais para a salvaguarda, a preservação e a disseminação da informação e do documento histórico. Segundo Yassuda (2009, p. 15) visto pela ciência da informação, “o museu é uma unidade de informação que trabalha com a organização, o tratamento, o armazenamento, a recuperação e a disseminação da informação produzida a partir de suas coleções”, ou seja, de certa forma, assemelha-se com os grandes centros de documentação, arquivos e bibliotecas. Santos e Lima (2014, p. 59) retratam que o museu é

descrito como uma instituição que permite conhecimento e lazer para seu público, ele também mantém um diálogo com a sociedade ao manter vivo momentos e partes de culturas passadas, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento sócio, cultural e artístico

Atualmente, o museu apresenta-se como instrumento de preservação da memória cultural de uma sociedade, desta forma, são também responsáveis pela

salvaguarda do patrimônio natural e cultura, material ou imaterial. A princípio, o museu tinha somente o intuito de salvaguardar a memória, e não disseminar informações e conhecimento (PINHEIRO, PERREIRA e CARNEIRO, 2013). O museu tem entre seus objetivos a salvaguarda de materiais, documentos, registros escritos, audiovisuais e iconográficos, no qual presta o papel da salvaguarda e da disseminação do conteúdo informacional de grande valor para a sociedade. “Ao mesmo tempo em que deve conservar, também deve permitir a comunicação entre o público e o acervo, possibilitando a construção de conhecimento” (YASSUDA, 2009, P.15). O museu proporciona a população o acesso ao registro e a história de suas raízes e de sua origem, o museu dedica-se para manter-se como uma memória ativa e consultável. Pinheiro, Pereira e Carneiro (2013, p.2) comentam que

os museus por muito tempo eram locais restritos e mantidos por determinadas pessoas, que possuíam na época certo valor aquisitivo, como forma de prestígio, onde só quem recebia convites para exposições tinham acessos tais obras. Anos depois se torna aberto ao público em geral, local livre, atendendo a grupos sem distinções, possuindo caráter educativo, o qual tem a missão de recuperar, salvaguardar, preservar e disseminar a memória coletiva adquirida a partir de toda trajetória percorrida pela sociedade.

O museu, em suas atribuições, tem a missão da salvaguarda de objetos que remetem a história e a memória histórica e coletiva de uma sociedade. Uma das grandes dificuldades enfrentadas no museu, e até mesmo, nesse ponto é onde se diferencia das bibliotecas e arquivos convencionais, é a variedade de tipologia de materiais. Os acervos devem ser separadamente pensados, levando em conta um local apropriado de acondicionamento, técnicas de preservação, cuidados com os materiais e o acesso a cada tipo de obra. “Atribuem-se aos museus diferentes papéis na sociedade direcionados à formação cultural e educacional, assim como a valores patrimoniais” (YASSUDA, 2009, p.15), desta forma, fez-se necessário a criação de algumas tipologias dos museus, temos hoje por exemplo, museus em residências históricas, museus abertos, indígenas, de história natural e audiovisual.

Pensar na função e na responsabilidade dos museus na salvaguarda da história da humanidade, desperta o reconhecimento do valor inestimável que essas unidades representam na sociedade, tanto na guarda da memória, na sua

preservação e na disseminação de informação. No âmbito das fotografias em Goiás, apresentaremos as contribuições do Museu da Imagem e do Som, que realiza o tratamento e a guarda das fotografias de valor patrimonial no estado, a fim de salvaguardar a memória do povo goiano, como também disponibilizar informações acerca de seu desenvolvimento.

## 2.1 MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Os museus têm como atribuições primordiais a salvaguarda da informação e documentação histórica, cultural e social, como também a disseminação das mesmas, portanto, a memória histórica e coletiva de uma sociedade tem a garantia da guarda e preservação por essas instituições. Segundo Yassuda (2009, p.10) “o museu é uma unidade de informação que pode apresentar variados tipos de suportes documentais, como os iconográficos, os tridimensionais e os bibliográficos”, desta forma, no estado de Goiás, dispomos do MIS-GO (Museu da imagem e do Som) para a guarda do material fotográfico e audiovisual do Estado.

O Museu da imagem e do Som de Goiás<sup>1</sup> foi criado pelo Governo de Goiás, através do Decreto 3.055, de 3 de outubro de 1988, como unidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado, com o objetivo de reunir, preservar, catalogar e divulgar as formas de expressão histórica e artística do Estado, que se utilizam de registros visuais e sonoros. Quanto à constituição do acervo, ao contrário dos outros museus, que normalmente são criados a partir de acervos ou coleções, o Museu da Imagem e do Som de Goiás foi criado sem acervo. Em janeiro de 1989, foram encaminhados ofícios para diversas instituições de Goiás e do Brasil, solicitando doações de fotos, discos, fitas, filmes e livros para a constituição do acervo do MIS.

O museu em todo o seu funcionamento recebeu de diversas autoridades e instituições doações que contemplam hoje os acervos. O Núcleo de Patrimônio Histórico e Artístico, da Secretaria Municipal de Cultura como diversas outras instituições, também atendeu ao apelo, com a doação de 46 fotografias históricas de Goiânia.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do *blog* do Museu. Disponível em: <<https://misgoias.wordpress.com/>> Acesso em: set. 2017.

Em 1991, terceiro ano de funcionamento, o MIS adquire, logo no início de janeiro, o lote com 99 fotografias de Goiânia e de outras cidades do Estado, do fotógrafo Hélio de Oliveira; e prossegue, durante o ano, com as exposições fotográficas: *Memória Fotográfica de Campinas – o Entorno do MIS*, em janeiro; *Ícones Modernos*, em maio; *Trilha do Brilho na Serra dos Pirineus*, em junho, em comemoração à Semana do Meio Ambiente; *Além do Tempo e da Memória*, mostrando o trabalho dos fotógrafos Rosary Steves, Enrique Aguirre e Marcênci Estevam; e, em outubro, realiza a Exposição sobre o centenário de Pedro Ludovico.

O museu conta com acervo Fonográfico, sendo um dos únicos locais de guarda de depoimentos sonoros e de títulos musicais do Estado de Goiás, contendo um total aproximado de 40 mil registros fonográficos.

Começou a ser constituído em 1988, através da doação de discos e de fitas cassete com gravações de depoimentos históricos de pioneiros, de artistas, escritores, além de personalidades da história política de Goiás.

O Acervo Videográfico do MIS é constituído de cerca de 15 mil registros nos formatos DVD, VHS, super VHS, Umatic, Betacam e Dvcam contendo gravações de depoimentos, programas, documentários, filmes regionais, nacionais e internacionais.

A coleção TV Brasil Central compreende 2 mil fitas com registros únicos da história da televisão em Goiás, desde o período de sua criação até a década de 1980. Além da Coleção TBC, integram o acervo de vídeo os documentários inscritos no Festival Internacional de Cinema Ambiental – FICA; as produções de instituições como o Itaú Cultural e o Iphan e as de outros museus e instituições afins, além das produções do próprio MIS-GO resultantes do Projeto Memória.

O acervo fotográfico é hoje constituído por aproximadamente 120 mil documentos produzidos do início do século XX até os dias de hoje. São fotografias, cartões-postais, negativos, diapositivos e álbuns fotográficos.

Desta forma, o museu dispõe de um importante acervo fotográfico, que conta com as obras dos principais fotógrafos do estado, retratando os principais acontecimentos culturais, históricos, urbanístico e social para a população, desse modo, assegura-se a guarda e a preservação da memória histórica fotográfica do Estado e da cidade de Goiânia como patrimônio da sociedade.

### 3 MEMÓRIA

A memória parte do princípio de resguardar para o indivíduo e para a população a garantia do não esquecimento ou a morte de fatos ocorridos. “Memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (KESSEL, 2003, p. 2) agregando assim uma evolução pessoal dos indivíduos e social para as civilizações.

O indivíduo é constituído desde os seus primórdios por memória. Nas civilizações a memória teve grande relevância no processo de evolução, pois desta forma, foram possíveis a lembrança de fatos e a troca de informação. Compreende-se por memória um compilado de acontecimentos, que são registrados ou transmitidos através da oralidade, da arte, da cultura material, de monumentos e registros documentais. “A arte da memória representa a capacidade humana de atualização com o seu passado, através das retenções que foram feitas ao longo do tempo, é o registro da presentificação para que se torne uma lembrança” (SANTANA, 2015, 18).

A memória pode ser enquadrada como individual, coletiva, autobiográfica e histórica. A memória individual consiste na compreensão de um passado que está enraizada no pessoal, muitas vezes parte de um ponto de vista de uma memória por hora coletiva, onde enfatiza-se o particular, portanto, a memória individual compõe a memória coletiva. Halbwachs (2003, p.43) cita que “não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social”, ou seja, enquanto não participamos conscientemente de uma memória coletiva.

A memória coletiva desempenha uma função social primordial para as civilizações, tem em si a função de valorizar momentos históricos significativos para a população e resguardar a herança adquirida do passado para os grupos sociais, que, com o passar do tempo, poderia se tornar desconhecido ou fracionado. A memória coletiva de um povo condiz com a memória particular do indivíduo, pois ele carrega em si as interpretações de memórias registradas e contextualizadas, que sempre interagem com o social.

A memória coletiva objetiva a união de uma sociedade, por acontecimentos passados registrados em função de todos, sendo esta a base da formação da identidade de um grupo. A comunidade em sua oralidade, faz-

se referências ao passado como o “antigamente” e o presente como os “dias atuais”, desta forma, apoiam-se nesses dias atuais para ter opiniões e interpretações do antigamente. De acordo com Silva (2006, p.2) “o próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos”. Desta forma algumas memórias coletivas são reconstruídas.

Segundo Pollak (1989) a memória coletiva de um determinado povo, é definida ao que é comum a um grupo, e até mesmo aos aspectos que os diferenciam dos outros, com isso, reforça os sentimentos de pertencimento, de reconhecimento e definição das fronteiras socioculturais. Pollak (1989, p.1), contextualizando Maurice Halbwachs (1968), ainda cita que “ a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva”, desta forma, há um processo de disputa das memórias coletiva e individual, para a formação da memória coletiva nacional.

Portanto, não é suficiente que a memória coletiva nos traga testemunhos, é necessário também que ela não tenha deixado de concordar com as memórias individuais do cidadão e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2003). Pollak (1989) levanta a discussão que não se deve lidar mais com os fatos sociais como coisas, mas sim, deve-se analisar como esses fatos tornam-se coisas, identificando como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Desta forma, é preciso analisar os agentes e as ações para que esses fatos permaneçam, ou seja, se interessar pelos processos e autores que auxiliam na tarefa de constituição e de formalização das memórias. O autor exalta a importância desse procedimento, e afirma que

ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 2)

Desta forma, essas memórias passam por longos períodos confinadas ao silêncio, porém, dentro de um grupo são transmitidas de uma geração a outra por meio da oralidade. Pollak (1989) ainda reitera que esse longo silêncio sobre o passado está longe de conduzir o esquecimento, trata-se da resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.

Na sociedade contemporânea, deve-se pensar a memória coletiva não somente a partir de heranças e tradições dos grupos que dominaram os processos de sua construção, mas também levando em conta as diversidades dos grupos que as constituem hoje, contando por exemplo “com as exclusões históricas e sociais, com a memória dos migrantes e imigrantes, com os silêncios, com os esquecimentos típicos dos jogos de poder e memória” (CHAGAS, BEZERRA e BENCHETRIT, 2008, p. 12). Desta forma, o que os autores relatam como jogos de poder e memória, Pollak (1989, p.7), cita como

tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.

Portanto, discutir o esquecimento e o silenciamento é tão importante quanto a discussão de memória. Toda a narrativa do passado é uma seleção, quando uma memória é escolhida e oficializada por um grupo, resulta na exclusão de outra parte da memória, o que implica em um esquecimento. O silenciamento tratado por Pollak, está elencado a discussão da memória, e por essas razões é fundamental pensar na interação entre memória de uma sociedade e o silêncio trazida pela mesma, e questionar-se em relação a qual memória está sendo exaltada e registrada, como também, quais memórias enquadram-se no esquecimento e no silenciamento.

Tratamos também da memória autobiográfica. Essa memória é adquirida através de suas experiências pessoais e sofrem influencias da memória coletiva e histórica. Forma-se da recordação de fatos importantes vividos pelo próprio indivíduo, onde no processo de recordação, que se depara a diversas modalidades sensoriais, como a linguagem, narrativa e emoção.

A memória histórica é tida como uma memória cronológica, fundamentada e compartilhada por vários indivíduos. “Quando se fala em registro histórico, refere-se ao passado que o ser humano armazena em sua memória e à primeira noção de temporalidade” (GOETJEN, 2010, p. 19). Na memória histórica, o indivíduo consegue se identificar e recordar momentos anteriores a sua vivência, por meio da representação do fato que por sua vez é vivido por outro membro do grupo que fazemos parte. No grupo familiar fica evidenciado esse processo com o papel dos avós e bisavós, que transmite aos seus filhos, netos e bisnetos experiências, que permitem que se identifique e traduza para o contexto atual. Essas experiências são citadas como memória viva por Halbwachs (2003).

Memória histórica assume a função de preservar a cultura, tradições e manter a riqueza da concepção histórica. “[...] a memória histórica, parte das construções referenciais de passado e presente e permite observar as diferentes perspectivas dos grupos sociais e culturais” (GONÇALVES, 2013, p. 2). Assim também se parte de um geral para o individual. Participam da história e da memória de uma região, indivíduos inseridos em um contexto social, religioso, cultural, patrimonial e familiar. A memória histórica de uma determinada localidade é preservada a fim de mantê-la para futuras gerações, como marco para a sociedade de feitos honrosos, preservação da cultura e a identidade de um grupo.

Responsável por uma grande parcela de responsabilidade para a formação da identidade de um indivíduo, a memória, ainda carrega outros conceitos, como memória voluntária e involuntária, que de acordo com Camargo (2009) são caracterizadas de acordo com a forma que são resgatadas pelo indivíduo. A memória voluntária se dá pelo hábito de lembrar de algo, muitas vezes do cotidiano, faz-se o exercício de lembrar, e essa memória é recordada racionalmente, é sobretudo uma memória da inteligência e dos olhos. A memória involuntária é uma lembrança autônoma, espontânea, é resultado de estímulos sensoriais, “de uma emoção ou de uma sensação, que pode ser olfativa, auditiva, gustativa ou pelo tato, haja vista que a percepção pela visão é, por excelência, representante da memória voluntária” (CAMARGO, 2009, p. 59). A memória recordada de forma visual, citada por Camargo, como impulsionada por uma fotografia, é considerada uma memória voluntária, pois se dá de forma racional e por uma lembrança, por ora, planejada.



De acordo com Penido (1992) a memória exaltada pela inteligência, onde há a existência de um esforço da consciência, é incapaz de trazer as recordações e suas impressões de forma totalmente satisfatória, ou seja, regadas de emoções, detalhes e sensações. A memória vinculada ao reencontro mais próximo às experiências passadas, não está relacionada diretamente com a injunções de nossa inteligência, desta forma, não basta somente uma decisão da nossa consciência para que esse processo seja proporcionado.

Sendo assim, compreende-se a importância da memória, em suas diversas formas para a sociedade. Pensando em sua preservação, uma das formas de garantir o registro de uma memória é imortalizando as lembranças através de um registro imagético, como por exemplo, a fotografia. O processo fotográfico tornou-se indispensável, principalmente na atual era digital, onde encontramos em excesso, em todos os meios, o uso da imagem fotográfica. Desde o seu desenvolvimento, a fotografia é tida como a possibilidade do registro de fatos, estes que contam uma história e preserva a herança de um povo, perpetuando assim a existência de memória e conhecimento.

### 3.1 FOTOGRAFIA

A presença humana é percebida desde a antiguidade pela possibilidade de acessar registros deixados por aqueles que nos antecederam, através deles podemos compreender a forma como viviam, seus hábitos, costumes e assim percebemos o processo evolutivo da humanidade.

O documento iconográfico esteve presente desde as civilizações mais antigas, onde haviam as representações de fatos ocorridos, desta forma, é possível o resgate de registro de traços culturais, históricos e sociais de um determinado povo, possibilitando o seu reconhecimento e nos aproximando de outras civilizações. Na pré-história temos como exemplo as representações artísticas da arte rupestre, são pinturas e gravuras feitas em paredões rochosos de grutas e cavernas, onde traziam representações de animais, plantas e pessoas (AGUIAR, 2012). E como todo registro, acabou tornando-se uma demonstração de sua cultura e apresentou-se como forma de preservação da memória de ocorridos para as próximas gerações. “Com o desenvolvimento de

símbolos para registrar a história de uma determinada região, podemos dizer que a representação artística esteve sempre em evidência no desenvolvimento da humanidade” (GOETJEN, 2010, p. 19). Na antiguidade e na Idade Média temos diversos exemplos de pinturas, esculturas e arquitetura, onde muitas são preservadas, estudadas e mantidas como patrimônio da população.

A fotografia como uma das formas do registro iconográfico, desde a sua criação, é de fundamental importância para a documentação da passagem da humanidade no espaço/tempo e de seus acontecimentos, legados e marcos. “Rememorar é algo que praticamos durante toda a vida e até nos causa certo prazer” (OLIVEIRA, 2008, p. 36), a fotografia age como um meio para o resgate da memória e como uma visão do passado.

Segundo Bueno (2010) o termo fotografia, de origem grega, *photographia*, significa “escrita da luz”. O processo fotográfico como conhecemos hoje, foi um feito de desenvolvimento em conjunto, foram incorporadas técnicas, componentes ópticos, físicos e químicos, como também, atribuídas várias teorias, conceitos e processos para a realização da mesma. De acordo com Bueno (2010, p. 12) “a fotografia é a criação de imagens por reação físico-química através da incidência da luz sobre uma superfície sensível à radiação luminosa”. A imagem capturada é a cristalização da cena pela sensibilidade da emulsão fotográfica com a luz.

O conceito pioneiro reconhecido no processo fotográfico segundo Bueno (2010) é do francês Joseph Nicéphore Niépce. Ao longo das décadas foram realizados variados experimentos, e em 1826 Niépce concretiza a produção da primeira fotografia, e conforme descreve Bueno (2010) a foto foi tirada da janela de seu escritório onde Niépce utilizou uma chapa de peltre com emulsão de cloreto de prata e coberta com betume de Judéia, essa placa foi colocada dentro de uma câmara escura e exposta à luz por um período aproximadamente de 8 horas. O registro da primeira fotografia colorida foi em 1861, mas somente em 1888 a fotografia popularizou-se, e um dos impulsos foi com a fabricação de câmeras fotográficas por uma grande empresa e o marketing proposto por ela de que a fotografia estava ao alcance de todos.

No processo de preservação da memória, a fotografia tem grande destaque, assim como várias outras formas de registro, como a pintura, a arte, a oralidade e a escrita. “A fotografia nasce com o propósito inicial de reprodução

do real e com o desenvolvimento da técnica ela torna-se um elemento de ampla função” (TOREZAN, 2007, p. 19), sendo utilizada como instrumento pela cultura e pela arte, tendo em seu uso o papel social, documental e comunicacional. Partiram então dos princípios dos avanços do processo fotográfico, influencias para o desenvolvimento da televisão e o cinema, que contemplam também grande importância para o registro histórico.

A fotografia permitiu o registro imagético de momentos históricos, onde de outra maneira seria parte somente da memória das testemunhas oculares e de testemunhos escritos e orais. “Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente” (KOSSOY, 2001, p. 45). O registro estático de momentos, muitas vezes anteriores a nossa consciência, são habitualmente representantes de uma preservação da memória da história da população.

O registro fotográfico participa ativamente na representação e na compreensão dos estudos históricos, servindo como apoio ou até mesmo como principal documento para a análise de fatos. Dessa forma Kossoy (2001) também afirma que a fotografia age como um testemunho segundo um filtro cultural. Devemos pensar no material fotográfico como um todo, refletindo a história sendo representada pela imagem, como também o indivíduo e/ou o local apresentado, a fotografia também terá a representação do fotógrafo e a contextualização histórica em que o mesmo vivencia e deseja imortalizar com a captura da imagem. Segundo Leite (2001, p.145) “a fotografia seria o ponto de encontro das contradições entre os interesses do fotógrafo, do fotografado, do leitor da fotografia e dos que estão utilizando a fotografia”.

O processo fotográfico gerou vários vieses e tipologias de materiais fotográficos, onde diferenciam-se de acordo com seu intuito. “Na fotografia doméstica, é a memória familiar; na fotografia do mundo do trabalho, é a memória institucional; na fotojornalismo, é a memória social e política; na fotografia documental, é a memória histórica” (MANINI, 2011, p. 80).

A memória, anteriormente se apresentava como memória de um pequeno povoado, grupo social ou organização; na sociedade moderna apresenta-se sob a forma de memória do mundo, geralmente por meio da utilização da fotografia, tendo também acesso por meio de várias possibilidades, principalmente por via digital (SANTANA, 2015).

Algumas fotografias documentais e jornalísticas são preservadas e lembradas hoje como representantes de grandes acontecimentos históricos. Essas fotografias são reconhecidas mundialmente, e tornaram-se símbolos para o reconhecimento do ocorrido, constituindo-se como parte da memória histórica em âmbito mundial. “Entre as diversas fotos icônicas produzidas ao longo da história, destacamos a repercussão da imagem do fotógrafo vietnamita Huynh Cong “Nick” Ut, que cobria a memorável Guerra do Vietnã em 1972” (CUNHA; NAVARRO; FERREIRA, 2016, p. 7). A imagem registrou uma menina de 9 anos correndo nua e gritando durante um bombardeio de napalm em seu vilarejo. Segundo Cunha, Navarro e Ferreira (2016, p.7) “a figura de Kim Phuc, a criança nua e gravemente queimada no centro da imagem, expressando dor e desespero, tornou a foto um símbolo duradouro do horror da guerra.” A fotografia acabou gerando grande comoção nacional.

A fotografia além do papel de preservação da memória, mexe com o imaginário e nos dá liberdade para muitas vezes criar interpretações quando desconhecemos o fato representado. “É ilusório pensar-se que as imagens se comuniquem imediata e diretamente ao observador” (LEITE, 2001, p.12), desta forma, criamos teorias, e nos permitimos imaginar os acontecidos e toda a história englobada pela cena imortalizada pelo processo fotográfico. Essas fotografias “por vezes, em seu isolamento, se retraem à comunicação, exigindo a contextualização, única via de acesso seguro ao que possam significar” (LEITE, 2001, p.12).

Cunha, Narravo e Ferreira comenta ainda que “outra fotografia que se pode destacar como icônica, tanto por sua repercussão quanto pela visibilidade que ela promoveu ao evento que retratava” (2016, p. 7) foi o registro feito pelo fotógrafo Alfred Eisenstaedt em 1945, a imagem retrata um beijo de um casal durante as comemorações do fim da segunda guerra mundial, a cena se passa em plena Time Square em Nova Iorque. A imagem gerou grande discussão a respeito da ilusão proporcionada pela imagem, de acordo com o registro, depreendemos a cena como uma comemoração apaixonada entre um marinheiro e sua dama, entretanto, a imagem apresentou-se mais tarde como um beijo de desconhecidos onde não houve um consentimento por parte da mulher.

Em suas diversas funções, a fotografia revelou-se como um importante meio de comunicação, informação, conhecimento e registro de recortes da realidade passada. Desse modo, é possível compreender aspectos de um tempo anterior ao momento com um registro estático. “Hoje, a fotografia que conhecemos é rápida, colorida e digital” (TOREZAN, 2007, p. 30). São produzidos um montante extraordinário de material fotográfico a cada segundo, vindos de celulares e máquinas fotográficas digitais, hoje temos aparelhos eletrônicos de vários tipos equipados por câmera a fim de captar qualquer momento e cenário. Entretanto, a fotografia “continua sendo um recurso documental, um meio de comunicação, um suporte para ideias, um documento de múltiplas leituras e interpretações que mantém a função de registrar algo” (TOREZAN, 2007, p. 30), contendo ainda em seu uso, o caráter intrínseco da disseminação e do compartilhamento de informação e conhecimento.

### **3.1.1 Fotografia em Goiânia**

Goiânia, em seu início – década de 30 no século XX -, segundo Tito (2008), foi atração para trabalhadores de diferentes níveis. A nova capital recebeu engenheiros, médicos, professores, operários entre tantos outros de diversos setores. Esses trabalhadores “chegaram à cidade ideologicamente motivados pelas ideias de progresso e modernidade, mas também por metas mais concretas, como a melhoria das condições de vida e trabalho” (TITO, 2008, p. 24). Com essa migração, também houve a chegada dos primeiros profissionais da fotografia na cidade.

Os fotógrafos que chegaram à capital do estado com a premissa do progresso da nova cidade estabeleceram-se primeiramente em Campinas, hoje um bairro pertencente à cidade de Goiânia. Estes profissionais “traziam consigo experiências de vida e profissional adquiridas em suas cidades de origem. Eles montavam seus estúdios fotográficos, muitas vezes, em prédios precários” (TITO, 2008, p. 24), improvisados da melhor forma possível para servir como os primeiros estúdios da nova capital.

Ainda segundo Tito (2008) pôde-se perceber que as produções dos fotógrafos pioneiros apresentavam algumas características comuns: os

profissionais trabalhavam, em geral, em estúdios adaptados, com laboratórios improvisados, alguns instalados e adaptados em suas próprias residências. De acordo com Tito (2008, p. 26) “vários pioneiros, além de fotógrafos, se dedicavam também à revenda de materiais e equipamentos fotográficos.” Isso se dá pelo fato dos materiais utilizados por eles serem de difícil acesso, grande parte vinha de São Paulo, e terem seus elevados custos.

As obras desses fotógrafos, ao serem analisadas, “percebe-se que grande parte de seus trabalhos está relacionada à produção de retratos, e também a fotografias da construção de avenidas e edifícios da cidade” (TITO, 2008, p. 26). Esses retratos eram geralmente realizados em estúdios e contavam com várias técnicas, as mais comuns eram a coloração da fotografia a mão e a fotomontagem.

Alguns fotógrafos se destacaram como pioneiros na cidade de Goiânia, segundo Tito (2008), alguns dos principais nomes são: Antônio Pereira da Silva, João de Paula Teixeira Filho, Haroutium Berberian, Eduardo Bilemjian, Alois Feichtenberger, Priscila Barbosa da Silva, Hélio de Oliveira. A autora citada, aponta ao todo, doze nomes pesquisados pelo MIS-GO como sendo pioneiros da fotografia, e ressalta que a escolha teve como um dos critérios selecionar os fotógrafos que permaneceram na memória e nos acervos (particulares e públicos) goianienses.

As representações fotográficas das primeiras décadas, desde o início da criação de Goiânia, foram de extrema relevância para a população e possibilitou o registro de um período significativo para a cultura goianiense. “Grande parte das fotografias da cidade que atuam como forma de representação deste contexto, documentam o crescimento da nova capital, especialmente dentro da área de implantação do plano urbanístico” (GIMARÃES, 2016, 525). Desta forma, com estes registros é possível contextualizar a história de um povo resgatando não somente seu processo urbanístico, mas também, resgatando traços de suas origens culturais, seu processo econômico e político.

O processo fotográfico em sua plenitude, desperta grande fascínio nos envolvidos, esse processo enfatizou durante seu desenvolvimento, ser de extrema importância para a população, servindo como meio de conhecimento, como forma de registro de personagens, cenários e fatos, e resguardando os aspectos da preservação da memória, seja ela individual, histórica ou coletiva.

### 3.2.2 A preservação da memória fotográfica

A humanidade sempre criou meios para registrar sua passagem, suas descobertas e reafirmar sua existência. Com os avanços das civilizações, esses registros eram proporcionados de diversas formas, com a utilização da oralidade, da arte, da escrita, da arquitetura, da fotografia e hoje também por meios digitais. A preservação da história de uma população está diretamente elencada à utilização dessas formas de registro. Desta forma, Oliveira (2008) questiona: o que faz com que a memória se articule formalmente e de maneira duradoura na vida social? Qual é o elo entre nosso presente e nosso passado, fazendo com que a nossa história não seja esquecida apesar do tempo?

Percebe-se que o processo da salvaguarda da história, com a utilização de diversos suportes, está diretamente vinculado a durabilidade da memória, assim como a necessidade de resguardar a informação contida nesses documentos para a sociedade. O processo de musealização do patrimônio, tem em seu intuito a proteção, o tratamento e a disponibilização de conhecimento como também a permanência da memória. As unidades de informação, como as bibliotecas, arquivos, centro de documentação e principalmente os museus, agem em prol da salvaguarda de documentos que registram e garantem por meio desses, a existência da história de um povo, permeando e reafirmando traços culturais, sociais, econômicos, políticos, arquitetônicos e artísticos.

O registro iconográfico, nesse caso a fotografia, proporciona a captura de uma cena em forma de documento estático, um registro único em um determinado espaço/tempo. As fotografias que tem valor documental e histórico agregado, tornam-se em suma, instrumento da permanência de uma história pelos museus. Pensa-se na preservação do material fotográfico em diversas categorias, pois, a fotografia pode apresentar traços históricos mesmo não representando uma memória de uma grande população, como em âmbitos nacional e mundial. Desta forma, pode estar presente em costumes familiares, comunidades, bairros, zonas rurais e grupos.

Portanto, a fotografia permite então, “que quase toda gente possa se transformar em objeto-imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantém presentes momentos sucessivos da vida, ou ter presente a memória”

(LEITE, 2001, p. 75). O processo fotográfico então, age como precursor das raízes históricas da população em todos os âmbitos.

Nos acervos familiares, por exemplo, essas imagens fotográficas relatam e envolvem fatores geracionais de um grupo familiar, estão elencados a princípios culturais, religiosos, matrimoniais e sociais, ou seja, retratam valores, tradições e resgata lembranças de ancestrais, trazendo consigo recordações de tempos passados que afloram emoções e implica nostalgia. São preservadas desta forma, a história de várias gerações, e por meio desses acervos fotográficos construídos durante a vida é possível retomar tais lembranças, além de preservar a sua própria.

As fotografias de acervo pessoal, em sua maioria, são conservadas e armazenadas em posse de familiares. Essa conservação do material fotográfico, faz-se presente em alguns cotidianos, geralmente apresenta-se de forma simples e sem a utilização de técnicas específicas, é comumente impulsionada pelo sentimento da guarda da história familiar. Desta forma, a fotografia provê um registro da existência e do pertencimento social, as fotos desse acervo atestam um mundo cada vez mais musealizado (RENDEIRO, 2010).

O material fotográfico com todas as suas particularidades estruturais e sua composição se torna “mais sensíveis que a maioria dos documentos em papel. As fotografias têm uma química complexa que deve ser levada em consideração, caso se pretenda preservá-las para o futuro” (MUSTARDO e KENNEDY, 2001, p. 7). A processo de preservação, sendo ele realizado de forma química ou não, se torna indispensável àquelas fotografias de grande valor histórico e patrimonial. Esse processo é desenvolvido por grandes centros de pesquisa e preservação, por museus, arquivos e bibliotecas.

Contudo, também segundo Mustado e Kennedy (2001), mesmo que a extensão dos processos fotográficos varia de modo significativo, alguns princípios gerais já reconhecidos podem ser aplicados em qualquer fotografia para se garantir sua preservação e salvaguarda. Cunha e Perez (2014) comentam que

a conservação de fotografias consiste em estabilizar, evitar ou retardar a deterioração das imagens principalmente através do controle do ambiente, do controle do manuseio e uso das imagens, da utilização de embalagens adequadas e de alguns tratamentos estruturais que mantenham as espécies fotográficas num estado inalterável



Desta forma, é de extrema importância pensar no tratamento do material fotográfico, enquanto sua conservação, preservação e restauração para garantir a permanência desse material e possibilitar maneiras de deixá-lo consultável.

Na contemporaneidade nos deparamos com uma nova era na fotografia. O mundo se apresenta cada vez mais digital, e o surgimento das novas tecnologias impactou na utilização e na disseminação da informação e da imagem fotográfica. Hoje a informação é tida de forma rápida e de fácil acesso, e a fotografia, colorida e digital. A preservação da imagem fotográfica, tanto quanto o material fotográfico deve visar sempre a disseminação da informação, a garantia do acesso a longo prazo e a resguarda da memória.

O reconhecimento da importância da preservação da memória, seja ela pela fotografia, materiais bibliográficos, audiovisuais ou pela própria oralidade, deve estar cada vez mais arraigado no cotidiano da sociedade.

Em Goiânia, a preservação da memória da cidade está diretamente relacionada a conexão da salvaguarda do material fotográfico, que tem importância histórica para a população, com as memórias e histórias contadas através das mesmas.

#### 4 GOIÂNIA DE 1930 A 1950

A decisão de construir Goiânia, para se tornar a nova capital do estado de Goiás, é associada à diversas forças, sendo elas políticas, econômicas e geográficas. A sua construção “refez a percepção do território e da própria historicidade local no momento em que o Estado estava envolto na crise política decorrente da Revolução de 1930 ” (SANDES e ARRAIS, 2014). Elencado a isso, registra-se toda a trama política atrelada ao Dr. Pedro Ludovico Teixeira, nomeado Interventor Estadual por Getúlio Vargas. Com relação ao intuito de Pedro Ludovico na construção da nova capital, Diniz (2007, p.27) comenta que

a construção e a mudança da capital atendiam a dois objetivos de Pedro Ludovico: primeiro a concretização do ideário mudancista, da vitória sobre a oligarquia Caiadista, e o investimento de capital no Estado de Goiás, modernizando as relações de trabalho e poder. Para o interventor a ruptura com o passado de atraso, o ‘velho’, dos vícios políticos, só aconteceria com a construção de uma nova capital para Goiás, simbolizando os anseios do povo.

A capital administrativa do Estado era anteriormente localizada na antiga Vila Boa, atual Cidade de Goiás, porém, o local não mais apresentava condições geográficas e ambientais para o desenvolvimento de uma grade capital. Desta forma, conforme Lima Filho (2006) Goiânia nasce assim como ruptura, um vetor da cidade de Goiás. Goiânia é planejada e construída como símbolo de inovação, “em seu nascedouro, Goiânia foi pensada com ares de modernidade, com o claro intuito de marcar a diferença com a antiga capital e com a identidade da região” (SANDES E ARRAIAS, 2014, p. 400).

Em 1933 Pedro Ludovico encaminhou um relatório para o representante do governo provisório, Getúlio Vargas, explicando as razões para a mudança da capital do estado de Goiás (DINIZ, 2007), o interventor destaca na mensagem os problemas sanitários de Vila Boa, as construções antigas e ultrapassadas, e ainda cita problemas em sua localização; caracteriza a capital como sendo de “terreno baixo, de relevo irregular e distante dos principais eixos de circulação presentes na região” (GUIMARÃES, 2016). Desta forma, além do enunciado dos problemas geográficos e ambientais, “o discurso da mudança da capital circulava entre as afirmações do atraso que a oligarquia Caiadista instalou durante anos

em Goiás e o progresso que o ato da construção da nova cidade proporcionaria para o Estado”. (DINIZ, 2007, p. 98)

Desta forma, o Estado “tinha como principal meta romper com a noção de atraso que o imaginário nacional tinha sobre ele” (LIMA FILHO, 2006, p. 1). Portanto, foi formada em janeiro de 1933 uma comissão para a escolha do local da construção da nova capital, comissão essa composta pelas principais personalidades do estado, e “como a comissão para a escolha da nova capital não era composta por técnicos, foi sugerida a constituição de uma subcomissão de engenheiros e urbanistas” (DINIZ, 2007). As localidades foram analisadas ao que se refere à topografia, a hidrologia, ao clima e a proximidade das vias férreas. Desta forma, Segundo Diniz (2007) após a entrega do relatório pela comissão com o local escolhido para a implementação da nova cidade, nos arredores da cidade de Campinas, o Interventor Pedro Ludovico Teixeira através do Decreto 3.359, de 18 de maio de 1933, determinou a região às margens do córrego Botafogo, compreendida nas fazendas denominadas Criméia, Vaca Brava e Botafogo, como local escolhido para ser edificada a mais nova capital do Estado de Goiás.

Logo após o decreto que determinou a região escolhida para a construção da nova capital, o Interventor iniciou os serviços de fundação da cidade, desta forma, convocou grande quantidade de campônios e lavradores para fazer a roçagem do terreno onde se ergueria a mais nova cidade (DINIZ, 2007).

Terminado a parte dos planejamentos iniciais, o Interventor Federal Pedro Ludovico Teixeira, dá início à construção da nova cidade, “e sendo essa construção um dos ótimos frutos da revolução de 1930, quis o interventor que a data da vitória da revolução nacional ficasse intimamente ligada à história da futura cidade” (MONTEIRO, 1938, p. 85). Portanto, o lançamento da pedra fundamental ocorreu em 24 de outubro de 1933, onde foi colocada no terreno em que hoje encontra-se o Palácio das Esmeraldas, na Praça Cívica.

Após a oficialização simbólica do início da construção da capital, Pedro Ludovico tratou-se então da construção imediata dos primeiros prédios de Goiânia, e “em 28 de outubro o Interventor aprovou os projetos do Palácio do Governo, Prefeitura e Hotel” (MONTEIRO, 1938, p. 123), projetos de responsabilidade do Engenheiro Attilio Correa Lima, um engenheiro-arquiteto

formado pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, e graduado em Urbanismo pela Universidade de Paris. “O plano de Goiânia foi confiado pelo interventor federal do Estado, Pedro Ludovico Teixeira, à Attilio Corrêa Lima por meio de um convite que partiu do próprio governador em 1932” (VIEIRA, 2012, p.56). Desta forma, a nova capital que seria planejada por Lima, “deveria promover a ação civilizatória ao prever o espaço apropriado para as funções econômicas e ao ordenar de certa forma o desenvolvimento social” (VIEIRA, 2012, p. 56). A capital foi pensada em grandes zonas, e na “concepção urbanística de Attilio Corrêa Lima para Goiânia, o elemento urbano mais importante era a praça central, foco privilegiado das perspectivas engendradas pelas principais vias traçadas, avenidas Goiás, Tocantins e Araguaia” (VEIRA, 2012, p. 57). Desta forma, referente a Praça Cívica, Monteiro (1938, p.140) complementa que “as três avenidas mais importantes, convergem para o centro administrativo, acentuando assim a importância deste em relação à cidade, que na realidade deve-lhe a sua existência”. Todo o traçado inicial da cidade, ficou então, sendo de responsabilidade do urbanista Attilio Corrêa. Desta forma, Diniz (2007, p. 151) comenta que Attilio “não estabeleceu qualquer ligação da nova capital com o resto do Estado, ou mesmo do país”.

Para a edificação dos primeiros prédios da cidade, a mão de obra vinha de vários estados do país: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros. Os materiais necessários chegaram a estação de trem de Leopoldo de Bulhões e depois seguia para o canteiro de obras no lombo de burros ou por carro de boi (DINIZ, 2007). A autora ainda comenta que a motivação para a vinda dos operários para a capital era a busca por melhores condições de vida e oportunidades.

Goiânia então, foi construída e constituída, e segundo Diniz (2007, p.184) “Attilio Idealizou uma cidade moderna em pleno sertão. Pensou em prédios modernistas, com técnicas construtivas ainda desconhecidas na região, desconsiderou a realidade para realizar seu ideal estético de modernidade”, dialogando assim com o ideário dos governantes na época. Desta forma, o simbolismo presente no traçado do urbanista, reflete o seu ideário estético e transmite as ambições do Interventor e as contradições na integração do moderno em pleno sertão.

O nome da capital advém de um concurso cultural lançado no jornal O Social em 5 de outubro de 1933. Foram várias sugestões, sendo “Petronia” o nome que recebeu o maior número de votos no concurso, porém, o Interventor acabou dando a palavra final e ignorando a votação e oficializando Goiânia como nome da nova cidade.

Goiânia em seus primeiros anos foi-se erguendo rapidamente, e em dezembro de 1935, Pedro Ludovico muda-se para a nova capital, decorrendo então a “mudança provisória” (COSTA, 1985), porém, somente em março de 1937, pelo decreto nº 1,816, ocorre oficialmente a transferência definitiva da sede administrativa do estado para a nova capital. Portanto, Costa (1985, p. 67) comenta que “não é por certo necessário dizer do contentamento geral do povo goiano, ao receber a notícia em verdade auspiciosíssima, da assinatura do importante e aguardado decreto”. Desta forma, Monteiro (1938, p.307) cita que

a instalação do Governo, em sua nova sede, se encarregará de acelerar a marcha dos serviços que ainda estiveram em execução, afim de que se verifique, dentro do menor prazo, a transferência das Repartições que ainda ficarem funcionando na cidade de Goiás. A inauguração da nova Capital não dará, porém, imediatamente. Só depois de concluídos os principais edifícios é que a mesma poderá ser oficialmente inaugurada.

Portanto, no aguardo da finalização dessas edificações, acontece somente em 1942 a cerimônia de inauguração oficial da Capital, intitulado como Batismo Cultural. As celebrações do evento ocorreram durante o mês de julho e contou com uma diversificada programação cultural na cidade. O evento contou com a presença de muitas personalidades de vários estados brasileiros. Goiânia foi então, em 1942, apresentada à nação como a Capital do Estado de Goiás.

Após passada a sua inauguração oficial, Goiânia atraiu moradores dos interiores e de todas as partes do país. De acordo com Santana (2015, p. 72) a “Goiânia planejada e construída nos anos 30, esperava que no ano 2000 atingisse a casa dos 60 mil habitantes”, contudo, durante a década de 40, a capital contava com uma média de 53 mil habitantes. Desta forma, destaca-se que na década de 50 o aumento da população foi mais expressivo assim como também continuou sendo durante os anos sessenta, visto que, “no decênio de 1950 a 60 o aumento populacional foi vertiginoso atingindo a cifra de 153.505

habitantes” (SANTANA, 2015, p. 71), e segundo a autora, isso decorreu mais do movimento migratório do que do crescimento vegetativo.

Goiânia durante todo o processo decorrente da sua edificação, mostrou a importância da construção de uma memória coletiva e histórica da população goianiense. Os registros fotográficos tornam-se de extrema importância para o resguardo da memória. O acervo dos principais fotógrafos pioneiros da capital é preservado como peça fundamental para o reconhecimento do passado da nossa sociedade, nesse sentido o Museu de Imagem e do Som (MIS) trabalha com a missão da guarda e da preservação do material fotográfico do Estado, disponibilizando para a sociedade e mantendo o registro para futuras gerações.

## 5 MEMÓRIA GOIANA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

O documento fotográfico é capaz de fornecer um registro estático de acontecimentos e garantir a perpetuação de uma memória imagética. As civilizações preservam a imagem como prova de acontecidos e como lembranças importantes que devem ser preservadas para a permanência da memória coletiva.

A capital do Estado de Goiás, Goiânia, surgiu em meios à confrontos políticos, culturais e religiosos. Nasceu de longos planejamentos e mesmo diante de todos os obstáculos, foi implementada. A princípio, foi pensada para se tornar uma grande capital, integrando em seu contexto de edificação, aspectos arquitetônicos, culturais, religiosos e políticos.

A construção de Goiânia contou com registros fotográficos de diversos profissionais, esses que capturaram desde a preparação do terreno da nova capital e até momentos cotidianos da população goiana, cerimônias importantes, eventos culturais, momentos políticos e edificações urbanas.

Pensando nos alicerces de sua criação, é possível destacar como exemplo alguns registros fotográficos da capital, em suas primeiras décadas, e analisá-los permeando em seu contexto histórico, político, urbanístico, religioso e cultural, ressaltando a importância de resguardar a fotografia para manter a memória da população goianiense.

Destaca-se, portanto, que a fotografia “tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2001, p.36), desta forma, a fotografia tem o intuito de salvaguardar um registro para a posteridade, e no caso das fotografias que serão mencionadas, integrando a memória coletiva e histórica da população goiana.

### 5.1 A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL

A imagem intitulada “Carros de boi na Praça Cívica” é um registro realizado pelo fotógrafo estrangeiro Alois Feichtenberger em 1936. A imagem constitui-se como um dos grandes registros que integra o processo de

construção da capital. O entendimento dessa imagem na pesquisa, parte de uma contextualização histórica e urbanística.

Figura 1 - Carros de boi na Praça Cívica.



Alois Feichtenberger, 1936. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS/GO

Oriundo de uma família de imigrantes austríacos, Alois chegou ao Brasil no ano de 1925, veio motivado, como muitos imigrantes após a primeira guerra, por melhores condições de vida e oportunidades de trabalho (TALARICO, 2013). Já no Brasil, Alois aprendeu o ofício em São Paulo, a partir dos ensinamentos do Alemão Walter Baummel, onde com ele teve a oportunidade de percorrer alguns estados brasileiros fotografando e negociando suas fotos. Em uma de suas viagens, quando estava no Triângulo Mineiro, Alois tomou conhecimento da frente de trabalho para a nova Capital de Goiás, desta forma, veio parar na atual Goiânia em meados de 1936. Seguindo a trajetória de Alois, Talarico (2014, p. 3) comenta que

o imigrante austríaco foi um dos pioneiros do registro fotográfico em Goiânia, registrando a construção da cidade entre 1936 e 1939. Suas imagens serviram de contraponto entre o 'passado atrasado e arcaico' relacionado com a antiga oligarquia que controlava a política no Estado de Goiás e a 'chegada da modernidade e do progresso' com o novo momento político pós 1930.



Em seus trabalhos, Alois registra o crescimento urbano da nova cidade, as edificações, a vida dos trabalhadores, os processos e cotidiano. Assim que chega em Goiânia, Alois é “contratado como fotógrafo do Departamento de Propaganda e Expansão do Estado, órgão sob direção de Joaquim Câmara Filho, político, fundador e diretor do maior jornal em circulação no Estado de Goiás, até hoje” (TALARICO, 2013, p. 2). Com o contrato de trabalho, sua função era efetivamente registrar as construções e as obras de implementação da nova capital, desta forma, suas fotografias foram representações do surgimento de uma nova cidade e seus impactos sociais e na comunidade dessa capital.

Referente ao rico acervo produzido e a preservação do mesmo, Talarico (2014, p.2) cita que o “acervo do fotógrafo Alois Feichtenberger foi tratado e disponibilizado pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás, em projeto financiado pelo BNDES (2007-2010) ”.

A imagem apresenta operários trabalhando na construção e na pavimentação da Praça Central, hoje mais conhecida como Praça Cívica. Nela concentra-se o poder político, a Praça “é a representação do ambiente cívico e administrativo da capital” (TEIXEIRA, 2017, p. 18), e foi pensada para ser o ponto referencial e o elemento urbanístico central da cidade. A partir dela, seriam projetados cinco setores: Central, Norte, Sul, Oeste e Leste, sem desconsiderar o núcleo pioneiro de Campinas (TEIXEIRA, 2017), além de ser o ponto de partida das três primeiras avenidas principais da cidade, avenida Tocantins, Goiás e Araguaia.

Em sua proposta, a Praça Cívica foi construída com a intenção de ser símbolo de referência histórica, política e cultural. Sendo pensada desde o seu início num estilo moderno, a construção da praça, traz consigo uma história, onde é possível rememorar através do patrimônio presente, perspectivas de uma memória histórica. Portanto, Atílio Corrêa Lima, arquiteto e urbanista responsável pelo planejamento da cidade, descreveu a principal Praça do Centro Administrativo, Cívico, como um local de caráter monumental (DINIZ, 2007).

O registro de Feichtenberger retrata uma junta de bois puxando um rolo compactador e sendo guiado por um operário ao lado. Ao fundo, identificamos carros com materiais para construção, como também alguns outros funcionários

no campo de obra. Referente aos operários que trabalharam na construção inicial da capital, Chaul (2009, p.105) comenta que

a mão de obra básica teve de ser trazida do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, para constituir um contingente operário que não havia se formado no Estado ao longo de seu processo histórico. Os quase quatro mil anônimos, a outra face dos construtores de Goiânia, viviam em condições subumanas de vida, e os salários, quando pagos, transformavam-se em vales, que, por sua vez, viravam dívidas nas mãos dos agiotas, e acabavam como o lucro das cantinas dos exploradores.

No segundo plano da imagem fotográfica, vemos duas das primeiras edificações da nova capital. O então Interventor Estadual, Pedro Ludovico Teixeira, aprovou em 28 de outubro de 1933 o projeto do Engenheiro-arquiteto Atilio Correa Lima, autorizando a construção das três primeiras edificações da capital, sendo elas o Palácio do Governo, Prefeitura e o Hotel (MONTEIRO, 1938). Desta forma, observamos na fotografia, da esquerda para direita, o edifício da Secretaria Geral do Estado e o Palácio do Governo, atual Palácio das Esmeraldas.

O prédio da Secretaria Geral do Estado, atualmente é onde se localiza o Centro Cultural Marieta Telles, contendo a biblioteca pública estadual, o Cine Cultura e o Museu da Imagem e do Som. “Anteriormente, o edifício abrigava a Secretaria de Cultura do Estado de Goiás. Suas obras foram iniciadas em 1933 e, terminadas em 1936. Originalmente, o prédio fora concebido para ser a prefeitura de Goiânia, intenção que nunca foi efetuada” (TEIXEIRA, 2017).

A construção de Goiânia partiu de um projeto que contava como ponto de referência a Praça Central, contudo, a implementação da nova capital vai de encontro dos ideais do Presidente Getúlio Vargas, desta forma, é predominante a ideia de modernidade e progresso, essas eram as palavras de ordem no Brasil do Estado Novo. Seguindo o espírito de modernidade, Atilio projeta a nova capital para assegurar ares de progresso, desta forma, a “estrutura urbana em geral é definida pelas grandes perspectivas, evidenciadas por largos eixos que convergem ao centro cívico, estrategicamente situado no ponto mais alto da área destinada à proposta original” (GUIMARÃES, 2016, p.3). O projeto a todo momento reforça o poder e a representatividade da Praça, oficialmente intitulada, Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira, em homenagem ao interventor do Estado.

O processo fotográfico possibilita a guarda imagética de momentos em um determinado espaço/tempo, porém, podemos identificar também no processo de edificações a intenção da representação de uma história. Talarico (2013) afirma que nos primeiros registros de Goiânia o que crescia dentro da imagem não era a cidade em si. Quem aparece retratada para a posteridade é a ideia de modernidade. Desta forma, sobre as fotografias, o autor ainda comenta que Alois

busca o elemento mais representativo para vender ao seu contratador, para isso é remunerado. É a mais bela imagem que se pode apresentar sobre o tema que lhe foi dado a eternizar. Esta é a memória que nos foi apresentada da cidade (TALARICO, 2013, p.7)

Ou seja, nos deparamos com a construção de uma memória através dessas imagens, que teve em seu registro a intenção de eternizar o belo, são fotografias pensadas em representar o real da melhor forma encontrada.

Contudo, o acervo fotográfico de Alois Feichtenberger é de grande importância para o registro da história dos primeiros anos da nova capital, como também por retratar a arquitetura e o progresso da cidade, destacando ainda, que mesmo sendo de real importância, os registros não contemplam a representação dos descasos decorrentes dessa modernidade.

Destaca-se que a memória presente na análise da fotografia de Feichtenberger, pode ser explorada por alguns vieses, de um ponto percorre-se a importância do registro das edificações e os avanços da construção da capital, por outro, identifica-se que a memória oficial não favorece os trabalhadores dos campos de obras ou as famílias que se alojavam em casas improvisadas nos arredores do Córrego Botafogo. Diniz (2007, p. 151), comenta que

a questão social não foi pensada, os operários que vieram de outros estados para a construção da nova capital ocuparam as áreas ao longo dos córregos e às áreas iniciais dos acampamentos provisórios ficando à margem da “nova sociedade moderna” que se construía.

Portanto, a imagem contextualizada em aspectos históricos e urbanísticos, evoca uma memória que permeia os relatos de grandes personalidades, principalmente de poder político, e explora a arquitetura

planejada do centro da cidade, para descrever o processo da construção da Capital.

## 5.2 GOIÂNIA E A MARCHA PARA OESTE

A registro do fotógrafo Antônio Pereira da Silva, em agosto de 1940, mostra uma aglomeração da população goiana para a recepção do presidente do Brasil à época, Getúlio Vargas, que se apresenta na sacada do Palácio das Esmeraldas, na Praça Cívica, acompanhado do Interventor Federal, Dr. Pedro Ludovico Teixeira e de outras personalidades.

A foto é datada de 5 de agosto de 1940. Goiânia era oficialmente a recém-criada Capital do Estado de Goiás. Destaca-se na foto a relevância e a importância de uma contextualização de uma trajetória política vivida no decorrer da construção da nova capital até o momento imortalizado por Antônio Pereira.

Figura 2 - Recepção em Frente ao Palácio das Esmeraldas, Presidente Vargas e Pedro Ludovico.



Antônio Pereira da Silva, agosto de 1940. Goiânia – GO. Acervo MIS|GO.

O então presidente Getúlio Vargas, chefe do Estado Novo, assumiu o poder em 1930 após a Revolução de 30, que iniciou uma nova fase na república brasileira. Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS) no dia 19 de abril de 1882. A candidatura de Vargas às eleições presidenciais de 1930 nasceu do acordo entre as elites políticas do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, marcando o rompimento dos dois estados com o Governo Federal (BRANDI, 2009), na época comandado pelo Presidente Washington Luís, membro do PRP (Partido Republicano Paulista), que rompeu a política do Café-com-Leite<sup>2</sup> e apoiou outro candidato paulista a presidência, o então deputado Júlio Prestes. Rodrigues (2015, p. 6) relata que

o paulista Júlio Prestes conseguiu vencer as eleições. Os aliancistas não se conformaram com a vitória do paulista, situação que foi agravada pelo assassinato do paraibano João Pessoa, candidato à vice-presidência na chapa de Getúlio Vargas. O movimento para a deposição de Washington Luís e a posse de Getúlio Vargas iniciou-se em 3 de outubro de 1930. Exatamente um mês após o início do movimento, Getúlio Vargas tomou posse como presidente provisório do Brasil, iniciando, assim, o período conhecido como a “Era Vargas”, que se estendeu até 1945.

O Interventor estadual, Dr. Pedro Ludovico Teixeira, nasceu em 23 de outubro de 1891, na cidade de Goiás. Fernandes (2003) comenta que sua carreira política foi inicialmente motivada pela falsa democracia que existia no Brasil e em Goiás, comandados por oligarquias. Pedro Ludovico, “em 1919, foi um dos fundadores do jornal *O Sudoeste*, iniciando, através dele, o combate ao situacionismo estadual – na época representada pela família Caiado, mantendo uma franca oposição ao governo” (RODRIGUES, 2015, p. 6). A imprensa foi de extrema importância para o seu início na política. A autora ainda cita que

era através do jornal *O Sertão*, mais tarde *O Sudoeste*, que fazia críticas ao Caiadismo. Ludovico era, também, representante da *Voz do Povo* no Sudoeste, manifestando sua colaboração através de artigos, editoriais e telegramas denunciando fatos referentes aos “desmandos”

---

<sup>2</sup> A política do Café-com-leite refere-se ao acordo entre as oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, durante as primeiras décadas de República, para a alternância e permanência no poder. A expressão ficou conhecida pela relação de produção dos estados, São Paulo era grande produtora de café enquanto Minas Gerais era produtora de leite.

dos Caiado que se passavam na região. Quanto às críticas feitas aos Caiado, Ludovico enfatiza que: Pouca gente tinha coragem de combater o Caiadismo. A maior parte do povo estava insatisfeita, mas só alguns pequenos grupos (...) punham as unhas de fora (FERNANDES, 2003, p. 25)

Logo, além da sua função jornalística, Ludovico parte para uma reação, que é seguida de tensões e conflitos com representantes do governo, “Ludovico era o “esteio” para a oposição que combatia o governo Caiadista na Capital e no Sudoeste. Dessa forma, Ludovico passa a exercer uma certa liderança na região” (FERNANDES, 2003, p.25). Por consequência, Pedro Ludovico participa ativamente da luta armada na Revolução de 30.

Em 1930, já inteirado do movimento revolucionário que se iniciava no país, visando destituir o presidente Washington Luiz, Ludovico foi convocado duas vezes a Minas Gerais para participar da conspiração, portanto, já mantinha nessa época contato com revolucionários de várias capitais (TELES, 2004). No dia 04 de outubro de 1930, dirigiu-se à Uberlândia para inteirar-se dos acontecimentos e participar das organizações de conflito. No dia 11 de outubro foi preso em confronto na cidade de Rio Verde. Ludovico ficou preso, contudo, foi liberado 14 dias depois (TELES, 2004). No decorrer da viagem de volta à Goiás, Capital do Estado, recebeu a notícia da vitória da Revolução em Minas Gerais. Logo ao chegar na Capital do Estado, acompanhado de alguns amigos, “invadiu e tomou o Palácio do Governo de Goiás antes da chegada da Coluna Mineira sob o comando de Carlos Chagas Pinheiro e Quintino Vargas. Consolidou-se, assim, a vitória dos revolucionários” (FERNANDES, 2003, p. 26).

Após a vitória da Revolução, “ficou decidido que uma Junta Governativa, assumiria o Governo, até que se definisse, no país, quem ocuparia a Presidência da República. A junta durou poucos dias, em 28 de novembro Pedro Ludovico Teixeira assume como Interventor, assumindo assim o poder do Estado. A partir de tal posição política no estado e beneficiando-se do ideário do Estado Novo, viu necessidade da mudança da Capital para um novo local, desta forma, aventou a ideia da criação de uma nova cidade, vista que essa integre o discurso de mudança, modernidade e a Marcha para Oeste. Contudo, Maciel (2003, p.1) cita que

Com o advento do regime do Estado Novo no país, Goiânia incorporou-se ao discurso em justificção do novo regime, inserido na campanha da Marcha para o Oeste empreendida pelo governo federal, na

condição de símbolo de um Brasil novo e vigoroso, capaz de produzir, mediante energias próprias, brotadas do seio do seu território interiorano, realizações extraordinárias.

Desta forma, após a escolha do local da nova Capital, Pedro Ludovico, a partir do evento simbólico da colocação da pedra fundamental, dá início a construção de Goiânia, nova Capital do Estado de Goiás. O discurso da aceitação e da participação popular foi essencial para os primeiros anos da construção da Capital. De acordo com Fernandes (2003, p. 53) “com a Revolução de 30, em Goiás renasce uma nova consciência política, uma nova fase na qual ‘reina a ordem e o progresso’. Podemos perceber a tentativa de criar a imagem de uma sintonia entre o povo e o poder”.

Portanto, Getúlio Vargas visitou Goiânia, a nova capital, em agosto de 1940, “era a primeira vez que um Chefe da Nação brasileira pisava em solo goiano. Durante aquela visita, o Presidente Vargas pronunciaria um de seus mais conhecidos discursos referentes à Marcha para o Oeste” (MACIEL, 2003, p. 5). O Jornal *Diário da Noite* do Rio de Janeiro, publicou no dia 6 de agosto de 1940 sobre a visita do presidente, o Jornal relata que

o presidente Getúlio Vargas, logo que desceu do avião, dirigiu-se ao Palácio do Governo, onde permaneceu alguns minutos em palestra com as autoridades estaduais. O povo em frente ao Palácio, irrompeu em aclamações, pedindo a presença da Vossa Excelência. O Chefe da Nação atendeu, ouvindo-se então entusiásticos aplausos. A multidão deu vivas ao Estado Novo, à ‘Marcha para Oeste’ e ao ‘Fundador do Brasil Novo’. O Chefe do Governo, com um franco e largo sorriso, cumprimentou a massa popular tornando-se mais vibrante os aplausos.

O jornal *Diário da Noite* ainda cita a boa impressão que Goiânia causou ao Presidente

quando o avião que o conduzia se aproximava desta capital, determinou ao piloto, que realizasse uma série de voltas pela cidade. Ao descer do avião o presidente manifestou a boa impressão que lhe causou a o panorama da cidade, enaltecendo o trabalho realizado pelo povo goiano.

Houve nesse mesmo dia, 5 de agosto de 1940, segundo o Jornal *Diário da Noite*, um almoço oferecido ao Presidente pelo interventor, nas dependências do Palácio do Governo. A notícia ainda cita que se sentaram à mesa, a família do Interventor, o Coronel Benjamim Vargas, Capitão Manoel do Anjos e todos os

Secretários do Estado. O Jornal exalta ainda que “não é somente esta capital, mas todo o Estado de Goyaz que vibra, no momento, com a visita do presidente Getúlio Vargas. Era grande a expectativa de toda a população em torno da presença do Chefe do Governo neste Estado”.

Em 1940 Goiânia completava oficialmente 3 anos sendo a capital do Estado. “Em 23 de março de 1937 foi assinado o decreto nº 1816, transferindo terminantemente a capital para Goiânia” (SANTANA, 2015, p. 32), ocorrendo assim, a transferência oficial do poder legislativo e executivo para a nova cidade. Goiânia estava se desenvolvendo rapidamente, e nesse mesmo ritmo a cidade passou a ser vista como símbolo de progresso e modernidade, tanto em âmbito estadual como nacional, coadunando-se com os ideais estado-novistas.

O registro fotográfico de Antônio Pereira da Silva preserva de forma documental a passagem do presidente pela capital e o grande evento que se tornou para a população goianiense esse acontecimento, exaltando também a trajetória política por trás da construção da cidade.

Assim, a trajetória política de Goiânia em seu início teve grande importância, destacando-se tanto nos acervos fotográficos quando em obras bibliográficas que relatam a construção da capital. A fotografia de Antônio Pereira, eterniza um acontecimento importante dentro da esfera política da cidade. Os registros exaltam a aclamação popular com a visita do presidente Vargas à capital, demonstrando a aceitação do momento político vivenciado.

Contudo, a edificação da nova cidade não foi exatamente pensada simplesmente para favorecer a população goiana, foi a princípio uma forma de atender os desejos políticos do Interventor que dialogava com os interesses do Chefe da Nação, assim, a concretização da construção de Goiânia iria de encontro com o ideário de modernidade que a Marcha para o Oeste propunha e atenderia também os interesses de grupos vinculados às regiões mais ricas do Estado. Sendo Pedro Ludovico representante destas, defendia deslocar o poder político para próximo das regiões economicamente mais prosperas do estado e onde também estava sua base política. Consequentemente enfraqueceria os grupos opositores, ou seja, as oligarquias, que cada vez mais eram associados à imagem de atraso que se construiu em Goiás na Primeira República (QUEIROZ, 2017).



### 5.3 BATISMO CULTURAL EM GOIÂNIA

O registro fotográfico intitulado “Comemoração do Batismo Cultural em Goiânia” representa o grande simbolismo e comoção que foram as comemorações da inauguração oficial da cidade de Goiânia em 1942. A fotografia é de autoria desconhecida, contudo, a imagem, integra o importante acervo que resguarda a memória e a história da Capital goiana.

A imagem fotográfica capturada em 1942 em uma das comemorações do Batismo Cultural da Cidade, será contextualizada exaltando o poder religioso da Igreja Católica e cultural da Capital, desta forma, apresentando a significância da igreja, e dos bens culturais goianos, permeando as missas e das festividades ocorridas entre os dias 1º e 11 do mês de julho do ano de 1942 na Capital.

Figura 3 - Comemoração do Batismo Cultural de Goiânia.



Autor Desconhecido, 1942. Fonte: Acervo MIS|GO.

O termo “Batismo Cultural” refere-se ao conjunto de comemorações e eventos que aconteceram na Capital em julho de 1942, o evento serviu para celebrar a inauguração oficial de Goiânia e de seus prédios públicos. Pimenta

Netto (1993, p.14), comenta que “postas mãos à obra, sete anos um mês e dezoito dias depois da assinatura do Decreto nº 3.359, estava a nova Capital pronta a receber o seu ‘Batismo Cultural’”. Portanto, Goiânia foi apresentada em âmbito nacional como a caçula e moderna Capital do Estado de Goiás.

Na imagem podemos ver um aglomerado de pessoas ocupando o espaço da Praça Cívica durante a cerimônia da missa campal, na manhã do dia 5 de julho, que se compreende como o principal dia do evento. Esta missa foi realizada pelo arcebispo de Goiás, D. Emanuel Gomes de Oliveira, e pelo arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Correia. O registro captura a grande participação popular e de personalidades nas celebrações do Batismo Cultural da Capital.

Na ocasião, a cidade foi palco de várias realizações culturais que atraíram inúmeras personalidades políticas, artísticas, eclesásticas e intelectuais do país, além de convidados ilustres e o público em geral que compareceu para as festividades (ARAÚJO JÚNIOR, 2011). A já citada missa campal, importante cerimônia realizada no quinto dia do Batismo, constituiu-se como um momento de relevante significado para o restabelecimento da nova aliança entre a Igreja e o Estado em Goiás (ARAÚJO JÚNIOR, 2011). Logo, a igreja reafirma a influência religiosa sobre o Estado.

Desde que a ideia de criação de Goiânia foi aventada, o poder político contou com a aliança e o apoio da Igreja. Uma das etapas da construção da nova capital foi a consolidação do Decreto nº 2737 que ressaltou a primeira medida concreta para a criação da cidade, estabelecendo a formação de uma comissão para a escolha do local que servirá para edificação da futura capital.

Para Araújo Júnior (2011) a presença de D. Emanuel entre os membros dessa comissão, atesta claramente a extensão dos vínculos que gradativamente irmanaram a Igreja e o Estado, em torno da construção e consolidação de Goiânia.

A exemplificação da influência do poder religioso no Estado, se dá pela ocorrência da presença e a celebração das primeiras missas da capital, como por exemplo, a da cerimônia da colocação da pedra fundamental da cidade. Desta forma, essas representações confirmam o quanto a Igreja se fez presente, lado a lado com o Estado no alvorecer da nova capital (ARAÚJO JÚNIOR, 2011). Contudo, Araújo Júnior (2011) comenta que a aliança entre esses dois setores

somente contou com traços mais nítidos a partir de 1937, onde ocorreu a transferência oficial da capital para Goiânia.

Desta forma, para demonstrar esses traços da aliança entre estado e a Igreja, Araújo Júnior (2011, p. 106) comenta que três anos depois da transferência oficial da Capital, “em 1940, durante a visita de Getúlio Vargas a Goiânia, D. Emanuel, Pedro Ludovico e o presidente da República se encontraram no Palácio das Esmeraldas, em um banquete oferecido ao Chefe da Nação”. O autor ainda comenta a respeito da representatividade e do simbolismo que o poder religioso empregou no Estado. Referenciando o encontro com o presidente Getúlio Vargas em 1940, comenta que

o caráter simbólico desse encontro atesta, mais uma vez, o contexto favorável das relações entre a Igreja e o Estado de Goiás. Percebe-se assim, o quanto o clero goiano participou das principais etapas de edificação da nova capital, pela atuação de seus principais representantes, sobretudo por meio de seu maior dignitário, D. Emanuel Gomes de Oliveira (ARAÚJO JÚNIOR, 2011, p. 106)

Desta forma, em 1942 nas celebrações do Batismo Cultural de Goiânia, a Igreja Católica participa ativamente e se faz presente nessa cerimônia. Portanto, entre os vários eventos que ocorreram durante os dias de festejos pela cidade, destaca-se a missa campal realizada na Praça Cívica na manhã do dia 05 de julho. A cerimônia configura-se, portanto, como um dos momentos mais importantes do Batismo Cultural (ARAÚJO JÚNIOR, 2011).

A festividade contou ainda com a inauguração oficial de várias edificações da Capital. Um deles é o então Teatro Goiânia, inicialmente chamado de Cine Teatro. Com grande importância no cenário cultural da cidade, o teatro recebeu grande destaque no dia da sua inauguração.

De acordo com Pimenta Netto (1993, p.16), no dia 05 de junho, ocorreu a partir das 20 horas, conforme a programação do evento, a “Soleníssima sessão da inauguração da Capital, no Cine Teatro Goiânia. Discurso do Interventor Federal fazendo entrega das chaves da cidade ao Prefeito e resposta deste, [...] e salva de 21 tiros”. Houve então, nessa cerimônia a simbólica entrega da chave da cidade por Pedro Ludovico Teixeira ao prefeito Venerando de Freitas Borges. Segundo Costa (2007, p.36)

aconteceram concomitantemente aos acontecimentos do Batismo Cultural: a Exposição de Goiânia, no prédio da Antiga Escola Técnica Federal de Goiás; a Semana Ruralista do Ministério da Agricultura; o VIII Congresso Brasileiro de Educação; a II Exposição Nacional de Educação e, por fim, a V Sessão das Assembleias Gerais do Conselho Nacional de Estatística, do Conselho Nacional de Geografia e da Sociedade Brasileira de Estatística.

Durante as festividades que ocorreram do dia 1º ao dia 11 de julho de 1942, quando Goiânia contou com uma extensa programação cultural e religiosa, um dos fatos de grande importância ocorridos durante a inauguração, segundo Silva (2007), foi o lançamento da primeira revista editada na nova cidade, a Oeste. O autor ainda afirma que além de louvar a iniciativa da nova capital, a publicação se concretizou como uma peça retórica durante a consolidação de Goiânia como centro urbano e capital do oeste brasileiro (2007). Para Teles (2004) a revista Oeste consolida-se como documento cultural de extrema importância para Goiânia. Traz, em suas páginas, o pensamento de intelectuais que acreditaram no idealismo de Pedro Ludovico. A revista teve o início da sua circulação no dia 5 de junho, durante o Batismo Cultural da Cidade, e teve seu fim em 1944, totalizando 23 números.

Desta forma, para Silva (2007, p.3) “Goiânia ainda era uma cidade sem memória e, no evento de 1942, se posicionou simbolicamente como a grande intérprete das culturas locais a partir das quais a referência cultural ainda emanava”, os registros fotográficos nesse período, integram a memória regional e reafirma o quão representativo se tornaram as festividades da inauguração de capital.

Portanto, a igreja católica contou com grande participação no processo de construção e transferência da capital, o poder religioso esteve presente nos principais acontecimentos sociais, políticos e culturais da cidade, desta forma, destaca-se a consolidação da aliança do Estado com o a Igreja Católica. A imagem apresenta a camada popular da cidade prestigiando a missa realizada durante o Batismo cultural, assim, exemplificando a inserção da Igreja no meio popular.

A memória oficial instituída para esse momento exalta a Igreja Católica, inibindo assim a memória das outras movimentações religiosas existentes,

portanto, essa narração não é um relato que gera representatividade por toda a população que rememora este período a partir de uma contextualização com enfoque de crenças e religiões.

#### 5.4 GOIÂNIA: A CAPITAL DO SERTÃO

O acervo fotográfico de Goiânia durante a sua construção, exprime em forma de registro imagético a evolução e o desenvolvimentos das edificações, assim como os principais momentos históricos, políticos, culturais, sociais e religiosos. A construção da memória coletiva e histórica da população goianiense, advém da resguarda da informação e do conhecimento gerado, esses que proporcionam o reconhecimento e o pertencimento dos cidadãos. Visto que, “A produção de uma autoconsciência acerca do processo vivido fixa uma memória e uma história que atribui nexos às inúmeras sociabilidades experimentadas, cuja ordenação e classificação expressam a formação da identidade regional” (BOURDIEU, 1989 apud SANDES, 2002, p. 17).

A imagem capturada por Alois Feichtenberger, retrata uma vista aérea da Praça Cívica e arredores, a fotografia de acordo com o MIS não possui datação, porém, partindo da identificação de alguns aspectos urbanísticos, podemos supor que a fotografia seja de meados dos anos 50. Portanto, é de extrema importância pensarmos em alguns contextos para que se possa explorar alguns eixos da construção da memória história e coletiva da comunidade, desta forma, a análise permeia-se em uma contextualização histórica, urbanística, política, religiosa e cultural.

Figura 4 - Vista Aérea Praça Cívica.



Alois Feichtenberger, sem data. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.

Com a missão de registrar a evolução e o processo de construção da nova capital, Feichtenberger retrata Goiânia em seus vários aspectos, gerando diversos registros fotográficos que integram o acervo desses primeiros anos da capital. A imagem apresenta um registro aéreo da praça central da cidade. Percebe-se pela imagem do traçado urbanístico a intenção de centralização do poder presente na praça, que exalta os prédios públicos administrativos dispostos em seu interior e nos arredores. Na parte inferior da imagem, identificamos a presença das principais avenidas da cidade. Da esquerda para a direita: Avenida Araguaia, Goiás e Tocantins, assim como também várias avenidas próximas, que possibilitam e facilitam o acesso à praça principal.

O trabalho de Corrêa Lima, inspirado pelo urbanismo francês, traz em seus traços ares de modernidade com a implementação do estilo Art déco, em concordância com o momento político vivenciado. No imaginário popular, o urbanista Corrêa Lima, traz no traçado da Praça Cívica a representação do manto da Nossa Senhora, desta forma, referente a essa possibilidade, discute-se então que não há, porém, catedral no núcleo central da Praça Cívica, mas sim o palácio do governo, a “mente divina”, representando a “cabeça da santa”, vigilante e observadora, implicitamente abençoando a cidade (METRAN, 2005 apud DINIZ 2007). Não se trata, portanto, de uma evidente representação do poder religioso no traçado da capital, mas sim de um imaginário popular, sem comprovação alguma de haver sido intenção do urbanista em representa-lo ou contribuir para este.

Além do destaque relacionado a concentração do poder existente na praça, o local tornou-se além de espaço político, um espaço para entretenimento, lazer e cultura. No decorrer dos anos, foi disposto na praça o já citado Museu da Imagem e do Som, assim como o Museu Estadual de Arte Zoroastro Artiaga, a Biblioteca Estadual Pio Vargas, o Cine Cultura, entre tantas outras movimentações culturais realizadas no espaço da Praça Cívica, mostrando assim a intenção de exaltar o poder cultural existente na cidade, contudo, esses locais ainda carecem de maiores investimentos financeiros, e até mesmo da maior valorização desses espaços pela população. Percebe-se que os locais de expressões culturais em Goiânia, sofrem por diversas dificuldades, sendo elas financeiras, estruturais, de equipamentos e manutenções.

Um ambiente notadamente importante pela presença do poder político compartilhado com espaços de expressão cultural, portanto, revela na disposição arquitetônica a importância que a cultura deveria ter na capital.

Carregada de poder histórico, cultural e político, consolidou-se o ideário de representação da Praça Central, como também das manifestações culturais existentes ali. Cabe, ainda, observar que desde a década de 1930, importantes transformações de ordem econômica possibilitaram um crescimento global em que se determinou mudanças físicas na paisagem da área central da cidade, no modo de apropriação do uso por parte da população e na representação deste espaço na memória do cidadão (GRANDE, 2016). Logo, com a estabilização do poder político no núcleo central da cidade e com modificações no cenário da

região central, a Praça Cívica torna-se palco para variadas movimentações populares, funcionando como espaço de suma circulação e adequação aos interesses dos cidadãos.

Assim, ao falar de Goiânia, como acontece com qualquer outra grande capital, nos deparamos com diferentes aspectos interligados, principalmente nos alicerces de sua construção, como a junção de várias culturas, conhecimentos, culinária, política e religião.

Goiânia, cidade contou com um rápido crescimento, de acordo com Santana (2015), foi pensada para receber 60 mil habitantes até os anos 2000, porém, ao transpor do século XX para o XXI já ultrapassava um milhão de pessoas. Esse crescimento populacional advém do aumento do processo migratório e o rápido crescimento urbano.

Por consequência, percebe-se que no transpassar do tempo, a capital goiana conseguiu estabelecer seu espaço no cenário nacional e conta hoje com mais de 1,3 milhões de habitantes, de acordo com o censo do IBGE de 2010.

Goiânia de certa forma, firmou seu poder político e cultural, porém, enfrenta a precariedade decorrentes da falta de investimentos nos setores públicos que atentem a esfera cultural da cidade. As bibliotecas, museus, centros culturais e arquivos são diretamente afetados pela falta de esforços do poder público para implementar ações que favoreçam e valorizem os espaços culturais presentes na capital, assim como o maior reconhecimento de sua importância pela população goiana.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da memória histórica e coletiva de Goiânia através da fotografia, é instituída por um acervo com registros previamente designados, explorando assim a formação de uma memória oficial que expõe os principais acontecimentos a cidade. Desta forma, essa memória é edificada a partir de fotografias que mostram a evolução da construção da capital e os fatos marcantes relacionados a esse período.

A fotografia viabiliza guardar informações de acontecimentos, possibilitando eternizar um momento em forma de documento estático, portanto, trata-se de um importante registro para a comunidade, pois permite a rememoração de tempos pregressos a partir da imagem. Destaca-se assim a relevância em salvaguardar o material fotográfico a fim de manter-se para futuras gerações.

Referente a aplicação da metodologia, ao analisar as fotografias, houve a contextualização das imagens permeando os aspectos culturais, religiosos, urbanístico e político, portanto, foi possível identificar de forma geral a memória histórica e coletiva que essas imagens evocam em múltiplas circunstâncias. Desta forma, compreende-se em cada fotografia um enfoque específico.

Após a compreensão dos conceitos envolvidos no estudo, verifica-se a partir desse embasamento, a importância social, cultural e histórica que a imagem fotográfica exerce na garantia da guarda de uma memória coletiva e histórica, logo, exaltando a função do MIS em Goiás no processo de salvaguarda e disponibilização dos documentos audiovisuais.

Identificamos com essa pesquisa a imensa importância dos registros imagéticos da edificação e formação da capital, bem como a rememoração dos fatos ocorridos a partir da imagem, possibilitando evocar a história goiana, e demonstrando o seu valor perante a memória coletiva do goianiense. Entretanto, chegamos em uma construção de memória oficial que não corresponde completamente à memória coletiva do cidadão goiano, em síntese, observamos que há o predomínio de relatos dessa memória, onde destaca-se em sua maioria o poder político e/ou religioso. Destaca-as ainda que muitas histórias foram excluídas para que fosse possível consolidar a memória eleita para ser representante da comunidade.

Ao que se refere às considerações finais da pesquisa, conclui-se que após o desenvolvimento desse trabalho, que ainda há a necessidade da maior valorização dos registros documentais, em todos os suportes, para a melhor preservação da memória de uma sociedade, pois, possibilita-se assim a recuperação de uma história compartilhada que traduz da melhor forma o sentimento de reconhecimento e pertencimento social do goianiense.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rodrigo L. S. (2012). **Arte Rupestre**: conceitos introdutórios. Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguilar/arterupestre.pdf>> Acesso em: set. 2017.
- ARAÚJO JÚNIOR, Edson Domingues de. **Tradição, modernidade e as bênçãos da igreja católica na construção de Goiânia, 1932-1942**. 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. 2011.
- BRANDI, Paulo. **VARGAS, Getúlio**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>> Acesso em: nov. 2017.
- BUENO, Eduardo Luís. **Preservação de documentos fotográficos**: um estudo multicaso. 2010. 68 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação**. Perspectiva em Ciência da Informação, Minas Gerais, v. 12, n. 1, p.148 -207, jan. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>> Acesso em: out. 2017.
- CHAUL, Nasr Fayad. **Goiânia**: a capital do sertão. Revista UFG, Ano XI nº 6, junho 2009, p. 100-110. 2009. Disponível em: <[https://www.proec.ufg.br/up/694/o/06\\_goiania.pdf](https://www.proec.ufg.br/up/694/o/06_goiania.pdf)> Acesso em: Out, 2017.
- COSTA, Marcelo Henrique. **Goiânia**: mito ou modernidade?. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. 2007.
- CUNHA, Manuela Maria Patrício; NAVARRO, Sara Formiga de Almeida; FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques. **O poder da fotografia em dar visibilidade internacional a conflitos**: a crise dos refugiados da síria, o caso de alan kurdi. 2016. Paraíba: 2016. Disponível em: <<http://www.faculadadedamas.edu.br/externos/posts/files/CUNHA%20NAVARRO%20FERREIRA%20GT%2005.pdf>> Acesso em: set. 2017.
- DINIZ, Anamaria. **Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932- 1935)**: ideal estético e realidade política. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília-DF, 2007.
- FERNANDES, Marilena Julimar. **Percursos de Memórias**: A Trajetória Política de Pedro Ludovico Teixeira. 2003. 129f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOETJEN, Betina. **O Tempo Através das Mídias: Fotografia, Cinema, Televisão**. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Arte, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, 2010.

GONÇALVES, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro. **História, memória Histórica e a contribuição da cultura midiática**. Paraná, UNIOESTE, 2013. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/1/artigo\\_simposio\\_1\\_15\\_franciellecordeiro15@hotmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/1/artigo_simposio_1_15_franciellecordeiro15@hotmail.com.pdf)>. Acesso em: abr. 2017.

GUIMARÃES, Leonardo. **Memória e espaço na gênese de Goiânia**. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Visões e revisões do século XX. 14., 2016, São Carlos. Disponível em: <<http://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/63.pdf>> Acesso em: set. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo demográfico de Goiás, 2010**. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/resultados/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_goiias.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/resultados/tabelas_pdf/total_populacao_goiias.pdf)> Acesso em: nov. 2017.

KESSEL, Z. **Memória e memória coletiva**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: Leitura da fotografia histórica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **No cerrado nasce Goiânia**. ILHA Revista de Antropologia, Santa Catarina, v. 8, n. 1,2. P. 257 – 273, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18301/17142>> Acesso em: out. 2017.

MACIEL, Dulce Portilho. **GOIÂNIA: UMA IDÉIA RECORRENTE E SEU USO POLÍTICO**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.183.pdf>> Acesso em: nov. 2017.

MANINI, Miriam Paula. **Imagem, Memória e Informação: um tripé para o documento fotográfico**. Revista Domínios da Imagem, Paraná, ano IV, n. 8, p.

77-88, mai. 2011. Disponível em:  
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/viewFile/23354/17054> Acesso em: set. 2017.

MONTEIRO, Ofélia. S. do Nascimento. **Como Nasceu Goiânia**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. 1938.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias**: métodos básicos de salvar suas coleções. 2.ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

OLIVEIRA, Rita Barreto Sales. **A fotografia como memória na vida dos candangos**. 2008. 211 f. Dissertação (Mestrado em ciência da informação) – Departamento de Ciência da Informação. Universidade de Brasília, DF. 2008.

PENIDO, Stella. **Proust**: A experiência perdida e o tempo entrecruzado. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, n. 6, p.7-27, ago. 1992. Disponível em:  
<[http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf\\_articles/OQNFP\\_06\\_01\\_stella\\_penido.pdf](http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_06_01_stella_penido.pdf)> Acesso em: ago. 2017.

PIMENTA NETTO. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia**. 1942. Reedição Histórica. Prefeitura Municipal de Goiânia. Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo. Goiânia, 1993.

PINHEIRO, Ana Cristina Lucio; PEREIRA, Deusimaria Dantas; CARNEIRO, Gracione Batista. **A importância do museu para a preservação da memória cultural**: uma análise no Memorial Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 3, n. 2, out. 2013. Disponível em:  
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/1998/1275> >. Acesso em: out. 2017.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>  
Acesso em: set. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Ivo Monteiro de. **A construção de Goiânia na relação com a concretização política de Pedro Ludovico Teixeira**. In: Seminário Pesquisas, 5, 2016, Goiânia. Disponível em:  
<[http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/Pesquisas\\_5/21-11-2016-22.13.00.pdf](http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/Pesquisas_5/21-11-2016-22.13.00.pdf)> Acesso em: nov. 2017.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveiro. **Álbuns de família**: Fotografia e Memória; Identidade e Representação. In: Encontro Regional da ANPUH – Rio,

memória e patrimônio, 14., 2010, Rio de Janeiro. Disponível em:  
<[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH\[MarciaElisa\\_2010.1\].pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781_ARQUIVO_ArtigoANPUH[MarciaElisa_2010.1].pdf)> Acesso em: out. 2017.

RODRIGUES, Fernando Rocha. História política de Goiás: **o governo de Pedro Ludovico Teixeira e a dominação tradicional**. *Revista Multi-Science Journal, Urutaí*, v. 1, n. 2, 2015. Disponível:  
<<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/73/41>> Acesso em: nov. 2017.

SANDES, Noé Freire; ARRAIS, Cristiano Alencar. **A historiografia Goiana entre dois tempos**: Goiás e Goiânia. *OP SIS*, Goiás, v. 14, n. 1, p. 399-414, jan./jun. 2014. Disponível em:  
<<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/27605/17903>> Acesso em: set. 2017.

SANTANA, Maria Teresinha Campos de. **Patrimônio arquivístico e memória no Estado de Goiás**: estudos e tendências. 2015. 389 f. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Faculdade de Tradução e Documentação, Universidade de Salamanca, Espanha.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; LIMA, Fábio Rogério Batista. **Museu e suas tipologias**: o webmuseu em destaque. *Revista Inf. & Soc.*, João Pessoa, v.24, n.2, p. 57-68, maio/ago. 2014. Disponível em:  
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16244>> Acesso em: out. 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Mônica Martins. **Enredos da Tradição. Intelectuais, lugares de fala e modos de apropriação na construção do folclore regional. Goiás (1940-1980)**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Disponível em:  
<[http://dgi.unifesp.br/sites/comunicacao/pdf/entreteses/guia\\_biblio.pdf](http://dgi.unifesp.br/sites/comunicacao/pdf/entreteses/guia_biblio.pdf)> Acesso em: nov, 2017.

TALARICO, Guilherme. **O acervo Alois Feichtenberger**: estudo de caso sobre a preservação, inventário e difusão de acervos fotográficos e documentais. In: Simpósio Nacional de História Cultural, 7., 2014, São Paulo. Disponível em:  
<<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Guilherme%20Talarico.pdf>> Acesso em: Out, 2017.

TALARICO, Guilherme. **O fotógrafo Alois Feichtenberger na construção de Goiânia (1936)**: imagens alegóricas da modernidade. 2013. Disponível em:  
[http://www.academia.edu/11559433/O\\_fot%C3%B3grafo\\_Alois\\_Feichtenberger\\_na\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Goi%C3%A2nia\\_1936\\_imagens\\_aleg%C3%B3ricas\\_da\\_modernidade](http://www.academia.edu/11559433/O_fot%C3%B3grafo_Alois_Feichtenberger_na_constru%C3%A7%C3%A3o_de_Goi%C3%A2nia_1936_imagens_aleg%C3%B3ricas_da_modernidade) Acesso em: Out, 2017.

TEIXEIRA, Guilherme Araújo Cardoso. **Goiânia déco em animação**: o amor entre formas geométricas e curvas ousadas. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais. Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2017.

TELES, José Mendonça. **A vida de Pedro Ludovico** – fundação de Goiânia. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2004.

TITO, Keith Valéria. **Memória e identidade de um bairro**: campinas sob as lentes de Hélio de Oliveira. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Goiânia.

TOREZAN, Isabela Mara Valle. **Fotografia e informação**: aspectos gerais de análise e indexação da imagem. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da informação e Documentação, Universidade de Brasília-DF, 2007.

VIEIRA, Patrick Di Almeida. Atílio Corrêa Lima e o planejamento de Goiânia – um marco moderno na conquista do sertão brasileiro. *Revista Urbana*, v. 4 nº4, p. 52-66, 2012. Disponível em:  
<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/893>> Acesso em: out. 2012.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 2009.